Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Quinta-feira 27.6.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 679 / € 1,50 / Direção interina Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)

MARGARIDA BLASCO, NUNO MELO E MIRANDA SARMENTO

IMPASSE NA PSP E GNR ATRASA "VALORIZAÇÃO" DAS FORÇAS ARMADAS

NEGOCIAÇÕES Cem euros separam as propostas dos sindicatos e do Governo para aumentar o subsídio de risco dos polícias. O ministro da Defesa, Nuno Melo, espera que a colega da Administração Interna, Margarida Blasco, feche o acordo para cumprir a promessa aos militares. Ambos dependem do orçamento do ministro das Finanças, Miranda Sarmento. Presidente tem pedido "urgência" que trave o "acentuar das desigualdades".

PÁG. 8

AIMA

NOVO SISTEMA INFORMÁTICO ASCENDE A 2,2 MILHÕES DE EUROS

PÁG. 12

GEÓRGIA 2 PORTUGAL 0

VERSÃO B DE PORTUGAL CHUMBADA NA NOITE DE DESACERTO DE ANTÓNIO SILVA

Eslovénia é o adversário nos oitavos

PÁGS. 4-7

Debate

Justiça e António Costa unem PS e Governo com Ventura na mira

PÁG. 10

Tecnologia

Como as baterias dos carros elétricos podem ajudar a rede (e conquistar condutores)

PÁGS. 14-15

Cimeira

Cargos europeus. "Irritação" de Meloni torna discussão "imprevisível"

PÁG. 20

Turismo

O Alqueva ganhou mais uma praia fluvial em Moura

PÁG. 29

CONSELHO DAS FINANÇAS DÉFICE DO SNS COM MAIOR QUEDA DESDE 2016, MAS PAGAMENTOS EM ATRASO DISPARAM PÁG. 16

Até ver...

Leonídio Paulo Ferreira
Diretor adjunto do Diário de Notícias

Onde é que existe um rio azul igual ao meu? E com roazes?

"Golfinhos num rio? Espantoso, nunca tinha ouvido falar!", diz-me uma jornalista americana quando lhe explico que trabalho em Lisboa, vivo em Lisboa, mas a minha terra é Setúbal. E que em redor dela, as paisagens são belíssimas, seja a Arrábida seja a Troia. E, claro, falo dos nossos roazes corvineiros, que desde criança me habituei a ver no Sado, às vezes a acompanhar o ferry (para os setubalenses, o ferribote) ou a passar junto à praia na maré cheia. Agora, como explicar que o Sado é um rio, nem sequer muito extenso, mas com um estuário imenso, mais água salgada do que doce e portanto lar para os golfinhos? Como a jornalista me disse conhecer Lisboa, tentei explicar que, tal como o Tejo, o Sado mistura-se com o Atlântico de uma forma bem mais espetacular do que a maioria dos rios. E a seguir peguei no telemóvel e mostrei-lhe um vídeo dos golfinhos aos saltos no Sado, no qual apareciam umas crias a brincar com os mais velhos. E expliquei que graças às pequenas diferenças na barbatana dorsal os biólogos até sabem distinguir cada um deles. "*Really?*", foi a resposta em forma de pergunta. Sim, a sério.

Sou um pouco bairrista, mas não demasiado. Talvez a única coisa que mostra ser apegado à cidade onde nasci, e onde nasceram os meus filhos, seja o carinho pelo Vitória. Sim, não tenho mais nenhum clube. E irrito-me quando insistem para dizer se sou do Porto, do Sporting ou do Benfica, principal suspeita por morar hoje não muito longe do Estádio da Luz. Outra coisa que não deixo de elogiar a Setúbal é o peixe, e basta ir ao mercado do Livramento (a praça, como sempre disse a minha mãe) para ter a prova disso. Tanta diversidade: os salmonetes, as douradas, os robalos, os linguados, os besugos, também as xaputas e os pampos, peixes menos cotados mas que vivem bem sem fama – experimentem umas postas de xaputa frita ou uns filetes de pampo de cebolada e depois digam-me.

Estou aqui a falar de Setúbal por causa de uma estrangeira que encontrei há dias fora de Portugal ter mostrado curiosidade. E, de repente, escrevendo a uns milhares de quilómetros de casa, fico sentimental, saudoso da vista do forte de São Filipe, a que chamamos castelo, de um café numa esplanada na praça de Bocage ou de comer uns caracóis no ComiCala, na Fonte Nova. Também recomendo uma sandes de choco frito, mas só em alguns restaurantes, como a Casa Santiago ou o Cais 56, ambos nas Fontainhas. Aproveito para dizer que vale bem a pena provar num dos restaurantes da Luísa Todi – que pena a Ribeirinha do Sado ter fechado – uns choquinhos com tinta, grelhados na brasa e depois cortados aos pedacinhos e servidos com cebola picada e salsa, bem regados de azeite e um pouco de vinagre. E um dia prometo revelar aqui a receita caseira que mais potencia o sabor da tinta do choco.

Deixem-me acrescentar que Setúbal é também Azeitão, a terra do Moscatel da José Maria da Fonseca. E do queijo. E das famosas tortas. Lembro-me que José Mourinho, setubalense tão ilustre que já tem avenida com o nome (e juntou-se ao poeta Bocage e à cantora lírica Todi no panteão da terra), na primeira vez que foi treinar o Chelsea, fez vir a Setúbal muitos jornalistas britânicos em busca das suas origens mas que acabaram por destacar também a cidade. Recordo em especial um artigo no *The Guardian* que falava da Arrábida como uma espécie de joia escondida.

Mourinho, que tantos em Setúbal esperamos que um dia salve o nosso Vitória (o Vitórrria), anda agora a treinar o Fenerbahce. Provavelmente um dia destes haverá artigos na imprensa turca sobre a nossa cidade. Mas enquanto esperava por um clube depois de sair do Roma fez um filme promocional para a Adidas que teve Setúbal como cenário. Ao jornal *Setubalense*, disse: "Para mim dá-me prazer que as pessoas conheçam as minhas origens, podendo agora gravar no sítio onde eu nasci e cresci". Gostei especialmente de ver o treinador que já ganhou várias taças europeias sentado à porta de um café onde se lê "há isco para a pesca". Sim, porque em Setúbal ainda se pesca e as traineiras na doca dos pescadores não são um mero postal turístico, mesmo que ajudem à promoção da imagem da cidade, tal como o convento de Jesus ou as praias da serra da Arrábida.

Voltemos aos golfinhos. Há outros rios onde vivem certas espécies fluviais, como o Amazonas ou o Ganges. Dois rios que são bem mais famosos do que o Sado. Mas talvez um dia a jornalista americana visite Setúbal e perceba que, como diz a canção, não há mesmo um rio azul igual ao meu e ainda por cima tem roazes aos saltos.

OS NÚMEROS DO DIA

414000

DORMIDAS
Os Açores registaram cerca de 414 mil dormidas em alojamentos turísticos no mês de maio, mais 19,3% do que no período homólogo, segundo estimativas do Serviço Regional de Estatística (SREA) divulgadas ontem.

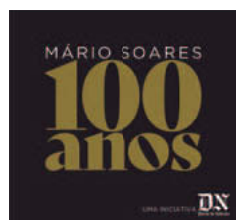
88

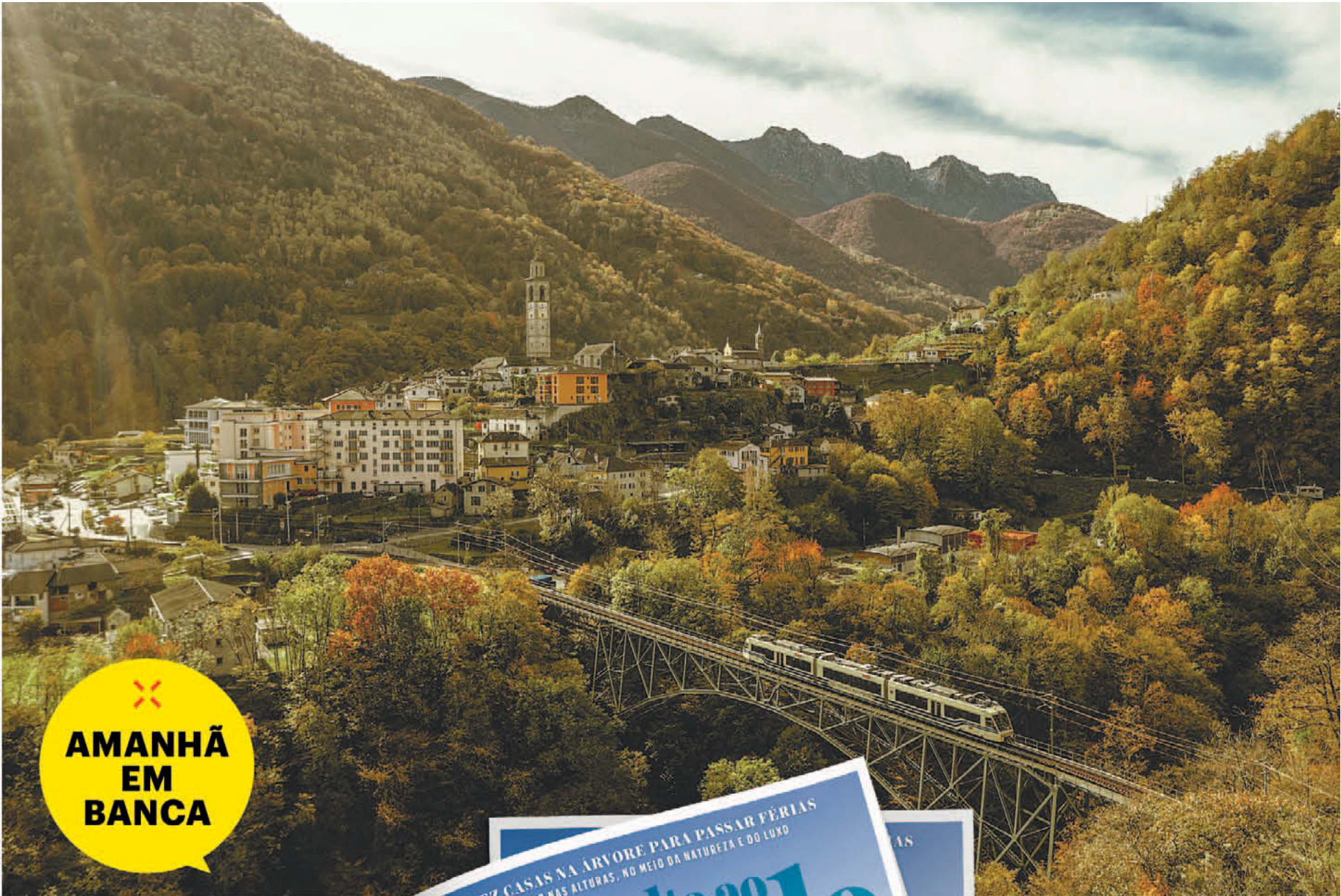
ANOS
A poetisa brasileira Adélia Prado venceu o Prémio Camões 2024, anunciou o Ministério da Cultura português, com o júri a considerar que Prado é "há longos anos uma voz inconfundível na literatura de língua portuguesa". Adélia Prado, de 88 anos, nasceu em Minas Gerais em 1935.

290847

MILHÕES DE EUROS
A dívida do Estado atingiu 290.847 milhões de euros no final de maio, um acréscimo de 1,4% em relação ao mês anterior, sobretudo, devido ao aumento do saldo de obrigações de tesouro, indicou o IGCP.

12,7

POR CENTO
As unidades do Serviço Nacional de Saúde (SNS) gastaram quase 475 milhões de euros com o pagamento de 18,2 milhões de horas extraordinárias em 2023, um valor que aumentou 12,7% em relação a 2022, revelou ontem o relatório do Conselho das Finanças Públicas.

27.6.2024

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.

Volta ao Mundo

Versão B de Portugal chumbada na noite de desacerto de António Silva

GRUPO F Martínez mudou oito jogadores, apostou em três centrais e foi traído por dois erros do central benfiquista na derrota com a Geórgia. Uma exibição muito apagada de Portugal, que permitiu apuramento histórico aos georgianos. Eslovénia é o adversário nos oitavos.

TEXTO **NUNO FERNANDES**

Dois erros de António Silva, muitas alterações num onze sem ideias, inconsequente e pouca capacidade de reação, culminaram ontem com a derrota da seleção nacional diante da Geórgia, por 2-0. O plano B de Martínez, que fez oito alterações na equipa, revelou-se um autêntico fracasso. E assim a equipa das quinas perdeu a oportunidade de terminar pela segunda vez na história a fase de grupos só com vitórias. Agradeceu a Geórgia que conseguiu o milagre de se apurar pela primeira vez para os oitavos de final (vai defrontar a Espanha), fase em que Portugal vai medir forças com a Eslovénia, na segunda-feira à noite, em Frankfurt.

O capitão português foi um dos três únicos titulares do jogo com a Turquia e tinha a oportunidade de bater o recorde de jogador mais velho a marcar num Europeu, mas ficou em branco.

A seleção nacional entrou em campo com o apuramento e o primeiro lugar do Grupo F já assegurado, situação que permitiu a Roberto Martínez gerir a equipa. Em relação ao onze que venceu a Turquia, o selecionador fez oito alterações e voltou ao esquema de três centrais utilizado com a República Checa, mas com protagonistas diferentes na defesa: entraram António Silva, Danilo, Gonçalo Inácio, Dalot, João Neves, Pedro Neto, Francisco Conceição e João Félix, e saíram Nuno Mendes, Pepe, Rúben Dias, Cancelo, Vitinha, Bruno Fernandes, Bernardo Silva e Leão.

A opção por três centrais, segundo explicou Martínez antes do jogo, tinha como objetivo travar os jogadores rápidos da Geórgia na frente. Já a titularidade de Ronaldo foi justificada pelo selecionador por ser um finalizador que precisava de estar ativo. Mas num e outro caso, os planos saíram furados, numa noite em que o capitão ficou novamente em branco e esteve uma sombra do que já mostrou neste Europeu. E em que o desacerto defensivo voltou, sobretudo pelo desastrado António Silva.

O jogo começou mal para Portugal, que sofreu um golo logo aos dois minutos, após um erro infantil de António Silva, com um passe disparatado no meio-campo. Mikautadze aproveitou, acelerou e serviu Kvaratskhelia, que não perdoou frente a Diogo Costa.

Talvez acusando o golo madrugador, a seleção demorou a impor-se, e só espevitou depois de um livre direto de Ronaldo, aos 16', a 130 km/hora, que obrigou o guarda-redes georgiano a uma defesa apertada. A maioria dos lances de perigo surgiam através de bolas paradas, e faltava velocidade ao ataque português e trocas de bola mais eficazes para desmontar as marcações.

Aos 28', após um canto, Francisco Conceição esteve muito perto do empate, mas o remate saiu às malhas laterais. Portugal jogava em pressão alta, com os georgianos remetidos ao seu meio-campo e a apostarem tudo em transições rápidas. E aos 31' foi a vez de João Félix ficar perto do golo, com um remate por cima.

Os georgianos deram um ar da sua graça nos últimos minutos da primeira parte, quase sempre por ações de Kvaratskhelia, que ainda assustou com um remate ao lado (33'). A primeira parte terminou com mais posse de bola (71% contra 29% e remates 11/3), mas

KENZO TRIBOUILLARD / AFP

O penálti cometido por António Silva que permitiu o segundo golo da Geórgia. Ronaldo foi titular mas ficou em branco.

Kvaratskhelia festeja o primeiro golo da Geórgia, depois de um erro defensivo de António Silva.

OZAN KOSE / AFP

KENZO TRIBOUILLARD / AFP

Faltou muita coisa a Portugal numa noite em que Martínez fez oito alterações na equipa e regressou ao esquema de três centrais. Selecionador tentou retificar na segunda parte, mas a seleção foi incapaz de dar a volta ao resultado.

com Portugal a precisar de muito mais para dar a volta ao resultado. E com um indicador preocupante: nunca a seleção conseguiu vencer um jogo numa fase final de um Euro em desvantagem ao intervalo.

Novo erro e penálti

A segunda parte começou com uma única alteração no onze português – Rúben Neves entrou para o lugar de Palhinha. E com duas boas oportunidades para Portugal, na sequência de dois cantos – primeiro com um remate de Ronaldo (cortado por um defesa) e depois por Danilo (ao lado). Na resposta, sempre por Kvaratskhelia, um grande susto aos 50'.

Portugal continuava com mais posse, mas a denotar os mesmos defeitos da primeira parte, com pouca velocidade, trocas de bola pouco consequentes e sem rasgos individuais. Além disso, mostrava sempre grande intranquilidade em momentos defensivos, como num lance de Danilo aos 54'. Dalot tentou remar contra a maré e aos 54' rematou forte e em jeito, mas o remate foi travado pelo guarda-redes.

Aos 57', um novo erro de António Silva resultou no segundo golo da Geórgia, com o central a cometer falta na área sobre Lochosvilli. Depois de consultar o VAR, o árbitro marcou penálti e os georgianos fizeram o segundo por Mikautadze. Mau demais para ser verdade!

Martínez mexeu aos 66', lançado Gonçalo Ramos e Nélson Semedo para os lugares de Ronaldo e António Silva, dois dos piores em campo. Mas a verdade é que não trouxeram muitas melhorias ao jogo de Portugal, que apanhou um novo susto aos 72' com um remate perigoso de Chakvetadze.

Aos 75', o selecionador de Portugal voltou a mexer, lançado Diogo Jota e Matheus Nunes para os lugares de Pedro Neto e João Neves. Era o tudo por tudo perante uma Geórgia que mostrava muita garra perante um Portugal estranhamente sem talento. Tudo demasiado lento e denunciado.

O jogo terminou sem Portugal conseguir sequer marcar um golo, apesar de nos últimos minutos ter estado perto de o fazer. Primeiro por Nélson Semedo e depois por Dalot. Agora é esperar por segunda-feira, dia do jogo dos oitavos, onde a seleção nacional vai medir forças com a Eslovénia. Esperemos que numa outra (melhor) versão...

nuno.fernandes@dn.pt

VELTINS-ARENA (GELSENKIRCHEN)

ÁRBITRO **SANDRO SCHÄRER** (SUÍÇA)

GEÓRGIA	PORTUGAL
2	**0**
MAMARDASHVILI	DIOGO COSTA
KAKABADZE	ANTÓNIO SILVA (65')
GVELESIANI (76')	DANILO
KASHIA	GONÇALO INÁCIO
LOCHOSHVILI (63')	DIOGO DALOT
DVALI	JOÃO PALHINHA (46')
CHAKVETADZE (81')	JOÃO NEVES (75')
KOCHORASHVILI	PEDRO NETO (75')
KITEISHVILI	FRANCISCO CONCEIÇÃO
MIKAUTADZE	CRISTIANO RONALDO (65')
KVARATSKHELIA (81')	JOÃO FÉLIX
TREINADOR	**TREINADOR**
WILLY SAGNOL	ROBERTO MARTÍNEZ
SUBSTITUIÇÕES	**SUBSTITUIÇÕES**
TSITAISHVILI (63')	RÚBEN NEVES (46')
KVERKVELIA (76')	GONÇALO RAMOS (65')
MEKVABISHVILI (81')	NELSON SEMEDO (65')
DAVITASHVILI (81')	DIOGO JOTA (75')
	MATHEUS NUNES (75')

GOLOS: KVARATSKHELIA (2') E MIKAUTADZE (56').

CARTÕES AMARELOS: CRISTIANO RONALDO (29'), PEDRO NETO (44'), RÚBEN NEVES (53') E MEKVABISHVILI (87').

Geórgia		Portugal
31%	POSSE DE BOLA	69%
7	TOTAL DE REMATES	21
3	REMATES ENQUADRADOS	5
11	FALTAS SOFRIDAS	6
280	TOTAL DE PASSES	703
209	PASSES COMPLETOS	633

FIGURA DO JOGO
Kvaratskhelia

Uma exibição de encher o olho do jogador georgiano no Nápoles! Marcou o primeiro golo da sua seleção, que abriu caminho à vitória, e esteve sempre ligado às jogadas mais perigosas da Geórgia, sempre a pôr em sentido a defesa lusa. E esteve muito perto de marcar o segundo golo. Não é por acaso que no seu país lhe chamam "Kvaradona". Um nome que certamente que vai ficar na agenda de muitos clubes.

"Foi um jogo em que entrámos mal. A Geórgia está de parabéns. O VAR não foi consistente, porque há a situação com o Cristiano aos 27'. Agora é olhar para os oitavos-de-final e ter a equipa mais bem preparada."

Roberto Martínez

"Foi um jogo muito lento e pausado, não conseguimos entrar no bloco solidário da Geórgia. Faltou jogo de rotura, mais presença na área para criar situações de perigo. Depois eles marcaram cedo e isso abalou um pouco a equipa jovem que se apresentou hoje, temos de tirar ilações para não cometer contra a Eslovénia."

Danilo

"Derrota não vai afetar. Tivemos muitas trocas, mas queríamos fazer o nosso trabalho. Foi um jogo difícil para nós, entramos a perder e foi complicado."

Pedro Neto

"Temos vindo a demonstrar bastante que somos um grupo forte. O que falhou? Não fizemos o que tínhamos preparados, tentámos fazer tudo à pressa e o golo criou ansiedade na equipa."

Diogo Dalot

Capello e a lentidão

O ex-treinador Fabio Capello acusou ontem a seleção italiana de ser "demasiado lenta" com a bola, algo que explica com o ritmo dos jogos da Série A: "O nosso campeonato está cheio de passes para o lado e perdas de tempo."

Southgate debaixo de fogo em Inglaterra

A seleção inglesa e o seu treinador Gareth Southgate estão debaixo de fogo, depois do "sonolento" empate a zero com a Eslovénia. Vários foram os antigos futebolistas que criticaram a equipa, com Trevor Steven a exigir "mais ritmo" e "mais energia", enquanto Alan Shearer foi mais contundente, considerando que à Inglaterra falta "um padrão de jogo". Já Gary Neville pede ao selecionador que aposte "no arsenal de jovens talentos que tem à sua disposição".

EPA/OLIVIER MATTHYS

Eslovénia, rainha dos empates, tem Oblak como estrela

OITAVOS Portugal enfrenta pela primeira vez uma seleção com quem perdeu em março e que já fez história neste Europeu.

TEXTO **CARLOS NOGUEIRA**

Três empates, dois golos marcados e outros tantos sofridos. É este o bilhete de identidade com que a Eslovénia se apresenta nos oitavos de final diante da seleção nacional. Uma equipa muito compacta em que a principal estrela é o guarda-redes Jan Oblak, que brilhou no Benfica, e que conta ainda com mais três jogadores que passaram por Portugal, mas sem grande sucesso, o avançado Andraz Sporar, que representou Sporting e Sp. Braga, e os habituais guarda-redes suplentes Vid Belec (Olhanense) e Igor Vekic (Paços de Ferreira).

Destaque ainda para o avançado Benjamin Sesko, do RB Leipzig, que aos 21 anos surge como o principal talento da nova geração de uma seleção que tem ainda como reserva moral, o veterano Josip Ilicic, que contabiliza apenas 15 minutos neste Europeu. Curioso é o facto de os dois golos desta equipa na prova terem sido marcados por defesas: Erik Janza com a Dinamarca e Zan Karnicnik com a Sérvia.

Na segunda fase final de Campeonatos da Europa em que participa, a seleção eslovena consegue o maior feito da sua história numa grande competição, pois foi a primeira vez que ultrapassou a fase de grupos, após ter estado no Euro 2000 e nos Mundiais 2002 e 2010. O responsável por este feito é o selecionador Matjaz Kek, de 62 anos, que está pelo sexto ano consecutivo no comando da equipa, numa espécie de segunda vida de um treinador que entre 2007 e 2011 já tinha estado no cargo, tendo então levado os eslovenos ao Campeonato do Mundo da África do Sul, onde frente a Argélia conquistou a única vitória (1-0) numa grande competição, nas quais os empates são quem mais ordena, afinal são seis em 12 partidas.

O histórico com Portugal é muito curto, pois o primeiro e único jogo foi um particular em março deste ano, em Ljubljana, e saldou-se por um triunfo da Eslovénia por 2-0, com golos de Adam Cerin e Timi Elsnik, que na segunda-feira vão por certo querer repetir o feito.

Bem se pode dizer que a Eslovénia é, potencialmente, o adversário mais acessível que a equipa de Roberto Martínez terá para conseguir chegar à final. Isto porque, caso se apure para os quartos de final, medirá forças com o vencedor do França-Bélgica. No caso de atingir as meias-finais, a equipa das quinas enfrentará em Munique uma de quatro equipas: Espanha, Alemanha, Dinamarca ou Geórgia. Uma rota complicada, bem diferente da que em 2016 levou Portugal ao título.

carlos.nogueira@dn.pt

GRUPO F

REP. CHECA 1-2 TURQUIA

A Turquia selou o apuramento para os oitavos de final com uma vitória sobre a República Checa em Hamburgo. Já depois de os checos terem ficado reduzidos a dez unidades decido à expulsão de Barak logo aos 20 minutos, a grande estrela dos turcos, Çalhanoglu, abriu o ativo para a seleção comandada por Vincenzo Montella no início da segunda parte (51'). A Chéquia empatou aos 66', por Soucek, e viu um golo ser anulado a Kuchta à entrada para os derradeiros dez minutos, mas Tosun fez o 2-1 para a seleção turca ao cair do pano, a passe do benfiquista Kokçu.

EPA/YOAN VALAT

Sylvinho cobiçado

O brasileiro Sylvinho, selecionador da Albânia, está a ser cobiçado por vários clubes europeus. Apesar da eliminação no Euro2024, a seleção dos balcãs deixou boas indicações e por isso não é certo que renove contrato com a seleção.

Barnabás Varga teve alta e regressou a casa

Barnabás Varga teve ontem alta do hospital de Estugarda, onde foi submetido a uma intervenção cirúrgica após fratura dos ossos do rosto, e já regressou a Budapeste, onde irá fazer a recuperação no seu clube, o Ferencváros. O avançado húngaro provocou o maior susto do Campeonato da Europa, quando chocou com o cotovelo do guarda-redes Angus Gunn, no jogo com a Escócia, em partida da 3.ª jornada do grupo A.

EPA/FILIP SINGER

GRUPO E

ESLOVÁQUIA 1-1 ROMÉNIA

Eslováquia e Roménia empataram ontem 1-1, em Frankfurt, numa partida em que a igualdade era o resultado mais conveniente para ambos, pois valia o apuramento. No entanto, a partida até teve um início prometedor e, aos 24 minutos, um belo cabeceamento de Ondrej Duda, a passe de Juraj Kucka, permitiu aos eslovacos adiantarem-se no marcador. Contudo, ainda antes do intervalo, eis que um penálti sofrido por Ianis Hagi permitiu a Razvan Marin fazer o empate. Este resultado permitiu à Roménia vencer um grupo num Europeu, em seis presenças.

Tristeza ucraniana e apuramento belga sem brilho.

EPA/RONALD WITTEK

Ucrânia traída por um empate que põe Bélgica no caminho da França

GRUPO E Ucranianos conseguiram recorde de pontos, mas foram eliminados. 0-0 valeu aos belgas o 2.º lugar.

TEXTO **CARLOS NOGUEIRA**

As lágrimas de alegria de Roman Yaremchuk após a vitória frente à Eslováquia deram ontem lugar às de tristeza de toda a equipa da Ucrânia, que foi eliminada do Euro 2024 num grupo em que todas as seleções terminaram com quatro pontos, algo nunca visto em Campeonatos da Europa.

A equipa treinada por Serhiy Rebrov estava obrigada a vencer a Bélgica para poder seguir em frente, uma vez que no outro jogo o empate apurava Roménia e Eslováquia. No entanto, apesar das várias tentativas de surpreender um adversário que até era favorito, a equipa onde joga o benfiquista Anatoliy Trubin, que ontem voltou a ser titular, acabou por não sair do 0-0.

Esta até foi a primeira vez que a Ucrânia acabou um jogo sem sofrer golos em 14 partidas realizadas e terminou com o recorde de pontos numa fase de grupos, mas não evitou a terceira eliminação antes da fase a eliminar em quatro presenças.

A Bélgica, por sua vez, continua sem se encontrar, vivendo dos fogachos de Kevin De Bruyne e com um Romelu Lukaku divorciado dos golos, apesar de já contabilizar três anulados. A seleção orientada por Domenico Tedesco terminou o grupo E em segundo lugar, acabando por ser apurada, algo que não tinha acontecido, por exemplo, no Mundial 2022. Só que agora terá pela frente a França nos oitavos de final.

A partida começou praticamente com Trubin a negar o golo a Lukaku, mas o que se viu a seguir foi uma Ucrânia mais atrevida com os avançados Yaremchuk e Dovbyk a ameaçarem constantemente a baliza de Koen Casteels. Ainda assim, os belgas tinham mais posse de bola, mas sem imaginação suficiente .

No segundo tempo, o jogo foi morno até aos 73 minutos, quando Trubin defendeu mais um remate de Lukaku. A Ucrânia percebeu que tinha de arriscar e, através de ataques rápidos esteve perto de marcar, sobretudo quando Casteels evitou que um canto direto ditasse a vitória ucraniana. Malinonskiy ainda tentou com um remate forte, de muito longe, mas pelo meio atravessou-se Castagne que intercetou a bola e teve de ser assistido pelos médicos.

O apito final foi de tristeza para os ucranianos e amargo para os belgas pela pobre exibição e também porque pela frente vão agora ter a vizinha França.

carlos.nogueira@dn.pt

CALENDÁRIO E CLASSIFICAÇÕES

GRUPO A

Jogo	Resultado
Alemanha-Escócia	5-1
Hungria-Suíça	1-3
Escócia-Suíça	1-1
Alemanha-Hungria	2-0
Suíça-Alemanha	1-1
Escócia-Hungria	0-1

	P	J	G
1.º Alemanha	7	3	8-2
2.º Suíça	5	3	5-3
4.º Hungria	3	3	2-5
3.º Escócia	1	3	2-7

GRUPO B

Jogo	Resultado
Espanha-Croácia	3-0
Itália-Albânia	2-1
Croácia-Albânia	2-2
Espanha-Itália	1-0
Croácia-Itália	1-1
Albânia-Espanha	0-1

	P	J	G
1.º Espanha	9	3	5-0
2.º Itália	4	3	3-3
3.º Croácia	2	3	3-6
4.º Albânia	1	3	3-5

GRUPO C

Jogo	Resultado
Eslovénia-Dinamarca	1-1
Sérvia-Inglaterra	0-1
Eslovénia-Sérvia	1-1
Dinamarca-Inglaterra	1-1
Inglaterra-Eslovénia	0-0
Dinamarca-Sérvia	0-0

	P	J	G
1.º Inglaterra	5	3	2-1
2.º Dinamarca	3	3	2-2
3.º Eslovénia	3	3	2-2
4.º Sérvia	2	3	1-2

GRUPO D

Jogo	Resultado
Polónia-Países Baixos	1-2
Áustria-França	0-1
Polónia-Áustria	1-3
Países Baixos-França	0-0
Países Baixos-Áustria	2-3
França-Polónia	1-1

	P	J	G
1.º Áustria	6	3	6-4
2.º França	5	3	2-1
3.º Países Baixos	4	3	4-4
4.º Polónia	1	3	3-6

GRUPO E

Jogo	Resultado
Roménia-Ucrânia	3-0
Bélgica-Eslováquia	0-1
Eslováquia-Ucrânia	1-2
Bélgica-Roménia	2-0
Eslováquia-Roménia	1-1
Ucrânia-Bélgica	0-0

	P	J	G
1.º Roménia	4	3	4-3
2.º Bélgica	4	3	2-1
3.º Eslováquia	4	3	3-3
4.º Ucrânia	4	3	2-4

GRUPO F

Jogo	Resultado
Turquia-Geórgia	3-1
Portugal-Rep. Checa	2-1
Geórgia-Rep. Checa	1-1
Turquia-Portugal	3-0
Rep. Checa-Turquia	1-2
Geórgia-Portugal	2-0

	P	J	G
1.º Portugal	6	3	5-3
2.º Turquia	6	3	5-5
3.º Geórgia	4	3	4-4
4.º Rep. Checa	1	3	3-5

OITAVOS DE FINAL

J37: Suíça-Itália (sáb,17h) J38: Alemanha-Dinamarca (sáb,20h)
J39: Inglaterra-Eslováquia (dom,17h) J40: Espanha-Geórgia (dom,20h)
J41: França-Bélgica (seg,17h) J42: Portugal-Eslovénia (seg,20h)
J43: Roménia-Países Baixos (ter,17h) J44: Áustria-Turquia (ter,20h)

QUARTOS DE FINAL

J45: Venc. J39-Venc. J37 (5 jul) J46: Venc. J41-Venc. J42 (5 jul)
J47: Venc. J40-Venc. J38 (6 jul) J48: Venc. J43-Venc. J44 (6 jul)

MEIAS-FINAIS

Vencedor J45-Vencedor J46 (9 jul) Vencedor J47-Vencedor 48 (10 jul)

FINAL

14 de julho, em Berlim (20h00, RTP1)

*Todos os jogos com transmissão em direto na SportTV

Margarida Blasco Ministra da Administração Interna

Nuno Melo Ministro da Defesa Nacional

Miranda Sarmento Ministro de Estado e das Finanças

Impasse na PSP e GNR atrasa "valorização" das Forças Armadas

NEGOCIAÇÕES Cem euros separam a proposta dos polícias de valorização do subsídio de risco da do Governo. Nuno Melo espera que Margarida Blasco feche o acordo para cumprir a promessa aos militares. Presidente tem pedido "urgência" que trave o "acentuar das desigualdades".

TEXTO **ARTUR CASSIANO E VALENTINA MARCELINO**

Os princípios gerais" para "a equiparação" dos militares às forças de segurança estão definidos, mas a ausência de um acordo entre o ministério da Administração Interna (MAI), os sindicatos da PSP e associações socioprofissionais da GNR está a atrasar "o processo de dignificação", já discutido no Conselho Superior Militar [onde esteve o ministro das Finanças], que coloque as Forças Armadas e as forças de segurança no "mesmo plano".

A "brevidade possível", revelada pelo ministério da Defesa, a 17 de maio, com "vista à concretização de um processo de dignificação das Forças Armadas, prioritário para o governo de Portugal, que assegure por seu lado a capacidade de recrutamento e a retenção de militares nas fileiras, assente na efetivação de um princípio de equiparação com outras dimensões de soberania" que dê "resposta" aos desafios nas Forças Armadas está, assim dependente, de 100 euros.

O ministério da Administração Interna (MAI) propõe um aumento de 300 euros no subsídio de risco para PSP e GNR (200 já em julho e 100 repartidos em duas tranches em 2025 e 2026) que é recusado pela plataforma dos sindicatos e associações destas forças de segurança que exigem 400 euros: 200 de imediato e o restante em dois anos.

Subir 200 euros por mês o atual suplemento para os cerca de 44 mil polícias totaliza mais de 123 milhões de euros de orçamento anual para ambas as forças de segurança. A diferença dos 100 euros significa aproximadamente mais 4,4 milhões de euros.

A proposta da Plataforma foi entregue ao MAI no passado dia 12 de junho e, segundo o prazo estipulado pela lei sindical da PSP, a tutela tem até 2 de julho para responder. Para já não foi agendada qualquer reunião de negociação adicional. "Este interregno criado pelo governo não ajuda à estabilidade necessária. O erro do governo, tanto na demora de resposta e na insensibilidade em não imprimir um esforço para a melhoria na sua proposta, refletem a incompreensão por aquilo que se passa nas forças de segurança. Queremos fechar este processo, queremos avançar para a resolução de outras matérias também importantes", sublinha Paulo Jorge Santos, presidente do maior sindicato da PSP (ASPP) que integra a Plataforma.

Por seu lado, esta "equiparação" que está a adiar a "valorização da condição militar" é para o antigo chefe militar do Exército general Pinto Ramalho falta de "coragem política" para "tratar de forma diferente aquilo que é diferente".

"Se nós quisermos mudar o paradigma, nós temos que olhar para as Forças Armadas na perspetiva de algo que é uma instituição diferente das forças de segurança. E, portanto, não podemos estar à espera de ver o que é que acontece nas forças de segurança para fazer um mimetismo com as Forças Armadas", defendeu o general.

E o problema, acrescentou, é que as Forças Armadas, em alguns casos, não têm só problemas de recrutamento, mas de retenção, nomeadamente nos quadros permanentes.

Na semana passada, Nuno Melo lembrava que os militares não têm atualizações salariais desde 2009, "enquanto outras áreas também de soberania, mas não só, ao longo do tempo, bem ou mal, perceberam essas atualizações e com justiça reivindicam o que acham que é de direito, as Forças Armadas por maioria de razão têm também o direito de dizer 'agora chegou o nosso tempo'".

O argumento já tinha sido sublinhado por Marcelo Rebelo de Sousa, a 8 de abril, ao DN, ao referir que o "acentuar das desigualdades" ficou evidente aquando da revisão do Estatuto dos Magistrados Judiciais, em 2019, que deixou de fora "outras carreiras com mais evidentes afinidades, nomeadamente a das Forças Armadas e as das forças de segurança.

O presidente da República – "o comandante supremo das Forças Armadas que tem estado sempre ao lado das Forças Armadas", como acentua Belém – não quer ver repetido o que tem acontecido desde 2016: o "acentuar das desigualdades" que por "questões financeiras" [os ministros das Finanças] e "outras laterais" [justificações de conjuntura] levaram à "depreciação" dos militares face às restantes forças de segurança.

O que o Presidente não sabia é que seria introduzido um dado novo na equação: negociações demoradas e sem sucesso entre a ministra Margarida Blasco e a plataforma dos sindicatos da PSP e associações da GNR que até já ameaçaram avançar de "forma expressiva e dinâmica" para protestos se o Governo "não mostrar um sinal claro e de boa-fé".

Dez dias depois dos avisos do Presidente, o Governo definia, como o DN revelou, as duas principais prioridades imediatas na Defesa: um pacote de medidas de "valorização e retenção dos militares nas Forças Armadas" e um segundo de "valorização dos antigos combatentes". Em síntese, entre outras medidas, as "prioridades" para travar a "pré-falência das Forças armadas".

Ontem, na audição parlamentar, o ministro da Defesa comprometeu-se mais uma vez: "Vamos melhorar a situação retributiva dos militares. Não sei quando nem como, mas é um compromisso que assumo". Na semana passada, Nuno Melo tinha insistido que "investir nas Forças Armadas" era "uma questão de inteligência e de lucidez pragmática".

E deixou um explícito aviso: "E é também isso que pode dar algum sentido à minha passagem, que pode ser mais curta ou mais longa, não sei, o futuro o dirá, pelo Ministério da Defesa".

Fonte do Governo, ao DN, recusa falar em "atrasos" preferindo "avaliação" num "tempo normal" dado que não há atualizações salariais desde 2009.

PS contraria Governo e recusa mexidas na lei laboral e nos direitos dos trabalhadores

BALANÇO Ministra do Trabalho, Rosário da Palma Ramalho, aceita avançar para a negociação de medidas que alterem a legislação laboral. A governante também admite aumentos maiores no salário mínimo por via de "avanços intermédios".

TEXTO **VÍTOR MOITA CORDEIRO**

"Seriam inaceitáveis quaisquer recuos nos direitos dos trabalhadores, no combate à precariedade, na negociação coletiva e na adaptação às novas formas de trabalho digitais, áreas em que demonstradamente houve avanços importantes", afirmou ao DN fonte da bancada socialista, depois de questionada sobre o que é que não deveria ser alterado na legislação laboral, admitida ontem pelo Governo depois da reunião da Concertação Social.

A ministra do Trabalho, Rosário da Palma Ramalho, na sequência do balanço da execução do acordo de médio prazo para a melhoria dos rendimentos, dos salários e da competitividade, garantiu aos jornalistas que o compromisso do Governo "é cumprir aquilo que está em vigor".

No entanto, a governante também deixou claro que a Concertação Social é uma "instância de negociação contínua", o que significa que não hesitará em alterar o que for necessário, "se o Governo, juntamente com os parceiros sociais, chegar à conclusão que algumas medidas lá previstas não fazem hoje sentido".

Rosário da Palma Ramalho referia-se ao acordo de rendimentos, que transitou do Governo anterior e que neste encontro foi debatido, tendo como resultado 30 medidas identificadas pelo Governo, inscritas no documento, que não foram implementadas.

Questionada sobre as declarações do secretário-geral da UGT, Mário Mourão, que explicou que a confederação sindical esperava pelos indicadores do desempenho da economia para saber se faria sentido revisitar o acordo, principalmente no que diz respeito às metas do salário mínimo, a ministra concordou.

O salário mínimo é, desde 2024, 820 euros, estando previsto atingir no próximo ano os 855 euros.

"O Governo tem um programa de atualização do salário mínimo até para a legislatura", disse, adiantando que até "poderá haver avanços intermédios".

Sobre a legislação laboral, a ministra sublinhou que, no diálogo com os parceiros sociais, podem ser debatidas "todas as matérias", abrindo a porta a alterações, desde que sejam acordadas com patrões e sindicatos. Porém, não revelou nenhuma. "Eu tenho um compromisso com os parceiros sociais, que neste caso prevalece sobre o dever de informar", respondeu.

Governo reuniu-se com parceiros sociais para debater acordo de rendimentos.

JOSÉ SENA GOULÃO / LUSA

"Normas gravosas" temidas

O PS, ao DN, considerou que o acordo de rendimentos assinado com os parceiros sociais na legislatura anterior é "estratégico numa matéria absolutamente prioritária e estruturante tanto na ótica social, da elevação dos níveis de bem-estar e do combate às desigualdades, como na ótica da competitividade e do dinamismo económico".

Por este motivo, continuam os socialistas, "só são admissíveis mudanças no acordo em vigor se forem avanços e reforços dos instrumentos e metas já assumidos no que toca aos rendimentos das pessoas". E "quaisquer recuos" seriam muito "negativos", diz o partido.

Também o deputado do Bloco de Esquerda José Soeiro, ao DN, explicou que o partido não quer "o que prejudique e degrade os direitos dos trabalhadores, o que fragilize o trabalho". Para prever os próximos passos da ministra, o deputado partiu das posições de Rosário da Palma Ramalho quando era jurista, lembrando que "criticou a limitação que se fez à terceirização de serviços, portanto ao recurso ao *outsourcing*", para além de ter sido "contra a criminalização do trabalho não declarado".

Já o grupo parlamentar do PCP alertou que "na legislação laboral já constam um conjunto de normas gravosas, negativas para os trabalhadores". Portanto, para os comunistas "o que se impõe é a revogação de normas gravosas, como as relativas à caducidade das convenções coletivas, aos bancos de horas e à presunção da aceitação do despedimento com o depósito da indemnização, assim como a alteração de normas sobre a retribuição e compensação de trabalho suplementar e trabalho noturno".

vitor.cordeiro@dn.pt

Negociações com patrões e sindicatos

Valorização de salários
O secretário-geral da CGTP, Tiago Oliveira, afirmou que, entre as 30 medidas do governo anterior que a ministra levou para a reunião, nenhuma delas era a "valorização dos salários". Para além disto, a CGTP acusou as propostas do Governo de estarem coladas aos "interesses do capital, dos grandes grupos económicos".

Aumentar a competitividade
A confederação empresarial, CIP, revelou esperança na disponibilidade da ministra do Trabalho para rever medidas, e que esta possa traduzir-se numa "oportunidade para repensar um verdadeiro acordo de média e longo prazo que nos permita ter medidas que aumentem a competitividade do país".

Um novo acordo, depois do atual
O líder da Confederação de Turismo de Portugal, Francisco Calheiros, vincou a necessidade de encerrar "o antigo acordo de rendimento e competitividade. Começamos a trabalhar no novo para ver quais são as ideias do Governo", disse, defendendo que a subida do salário mínimo deve ser debatida primeiro na Concertação Social.

Empregabilidade facilitada
Por parte da Confederação do Comércio (CCP), João Vieira Lopes considerou "importante a concretização de todo o conjunto de medidas que envolvam a possibilidade de haver subsídios de desemprego, com desemprego parciais, ao mesmo tempo que as pessoas aceitam lugares menos remunerados".

Cumprir acordos assinados
O secretário-geral da UGT, Mário Mourão, salientou como "ponto positivo" a garantia do Governo de que "os acordos assinados" seriam cumpridos", havendo ainda "bons indicadores" da economia, o que pode levar a um a "que o salário mínimo seja superior àquilo que foi assinado no acordo inicial".

O primeiro-ministro, Luís Montenegro, esteve no Parlamento para o debate quinzenal.

FOTOS: ANTÓNIO COTRIM / LUSA

Pedro Nuno Santos admitiu trabalhar para uma reforma na justiça.

ANTÓNIO COTRIM/LUSA

Justiça e António Costa unem PS e Governo com Ventura na mira

DEBATE Primeiro-ministro admite a possibilidade de implementar a semana de quatro dias e disponibilidade para alterar a "justiça penal". E vai baixar o IRS já em 2024? Montenegro não se compromete.

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

O anúncio surgiu logo no início do debate: o Governo admite mexer na justiça e "aprofundar a reforma" do setor. Primeiro, foi Hugo Soares, líder parlamentar do PSD, a assumi-lo e, na resposta, Luís Montenegro admitiu: "Há questões que preocupam todos" no que toca à justiça e "havendo na sociedade portuguesa e na Assembleia da República disponibilidade para poder ter na justiça penal alguma ponderação de alterações, o Governo, naturalmente, está disponível e não deixará de estar, com contributos da Assembleia da República".

Naquele que foi o primeiro debate quinzenal com o primeiro-ministro após as eleições europeias, Luís Montenegro recordou que, em 2007, era deputado e acompanhou o "pacto da justiça". E, comparando com o que então fora proposto, há várias áreas que podem dar uma pista para eventuais mudanças. Afinal, admitiu o primeiro-ministro, "os objetivos do legislador" em relação a uma série de temas, "como a detenção fora de flagrante delito, o combate à violação do segredo de justiça, o uso de intersecções telefónicas como meio complementar de prova – e não como meio exclusivo – não foram totalmente acolhidos na prática". Acabar com os chamados megaprocessos – que "têm sido sobretudo instrumentos para protelar processos e para dar azo a manobras dilatórias que são indutores de injustiça" – será também uma prioridade para o Executivo.

Ventura: há dirigentes do PSD que "corariam" de vergonha com apoio a António Costa.

Questionado sobre os dados mais recentes em relação ao défice, o primeiro-ministro defendeu que "a situação que foi legada não corresponda" ao que o anterior governo anunciava, fazendo passar a ideia "de que os cofres estavam cheios e o país nadava em dinheiro". A intenção é, no entanto, chegar ao fim de 2024 com "contas positivas", mas tal "não responsabiliza só o Governo". Ou seja: acima de todos os outros partidos, Luís Montenegro faz mira a PS e Chega, que ontem acusou de quererem "legislar em substituição do Governo", como no caso das medidas para mexer no IRS.

Em resposta, Pedro Nuno Santos perguntou diretamente a Montenegro (já depois de ter aberto a porta a mexidas na justiça): "Vai repercutir a baixa do IRS já em 2024?" A resposta não foi direta. O primeiro-ministro apontou que o líder socialista "se calhar cometeu um erro" neste tema, e disse que o diploma "não teve por base uma proposta de lei [que é feita por iniciativa do Governo]", porque "o processo legislativo" sobre o assunto é exclusivo da Assembleia da República. O apoio governamental a António Costa para o cargo de presidente do Conselho Europeu também não ficou de fora do plenário. Luís Montenegro reiterou o apoio ao seu antecessor – "o melhor socialista" para o cargo – e André Ventura, líder do Chega, afirmou que existem dirigentes que "corariam de vergonha" com este apoio. Em resposta, o primeiro-ministro lembrou ter feito oposição aos governos PS, mas que tal não significa que não tenha "condições para reconhecer as capacidades [de Costa] para estar à altura de uma função que é de conciliação, de agregação de famílias políticas diferentes". António Costa foi "muito pior primeiro-ministro do que vai ser presidente do Conselho Europeu", disse ainda.

Semana de quatro dias pode vir a ser adotada

Já na reta final do debate, a líder parlamentar do Livre, Isabel Mendes Lopes, perguntou diretamente a Luís Montenegro: está o Governo disponível para alargar a semana de quatro dias a todo o país? Ainda que não se tenha comprometido, o primeiro-ministro referiu que "não consegue responder já", mas também não excluiu. "Porventura", o fator será "a manutenção da carga horária semanal".

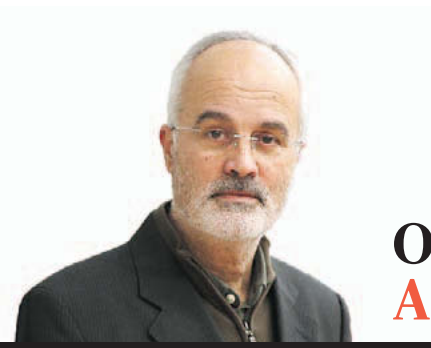
Antes, Mariana Mortágua, líder do BE, voltou a colar a política de imigração do Governo ao Chega, recordando as palavras de André Ventura, que considerou o pacote de medidas como "uma grande vitória" do seu partido – aproximação que Luís Montenegro rejeitou.

A assistir nas galerias estiveram soldados ucranianos, que estão em Portugal para receber tratamento. Esta presença motivou uma troca de galhardetes entre o líder da IL, Rui Rocha, e Paulo Raimundo, secretário-geral comunista. O liberal acusou os comunistas de mostrarem uma "total falta de entusiasmo" durante o aplauso inicial aos soldados. Na resposta, Raimundo reforçou que o partido defende um "caminho de construção da paz", que é "o maior ato de solidariedade" possível para com qualquer povo.

rui.godinho@dn.pt

"Deixo-lhe esta pergunta: [implementar a semana de quatro dias] é ou não um objetivo desejado, promissor e mobilizador?"
Isabel Mendes Lopes
Líder parlamentar do Livre

"Importa pouco [dizer] que não se negoceia com racistas e xenófobos para depois adotar as suas bandeiras nomeadamente na imigração."
Mariana Mortágua
Líder do BE

"O caminho de construção da paz é o maior ato de solidariedade que se pode ter para com um povo."
Paulo Raimundo
Secretário-geral do PCP

Opinião
Albino Almeida

Poder local na lusofonia

Está mais do que assente que a qualidade da democracia se mede também pela solidez de um poder subnacional, de uma governação multinível eficaz, de uma proximidade com os cidadãos no que se denominava, somente, *princípio da subsidariedade* e que é, afinal, a essência de tudo isto.

Há, no âmbito da CPLP, um conjunto de quatro países com esse governo subnacional, com esse poder local, com essas autarquias perfeitamente delineadas, em funcionamento pleno, em que a alternância se verifica, em que há um quadro estável e em que há muito para trocar, para aprender. São eles o Brasil, Cabo Verde, Portugal e São Tomé e Príncipe.

As semelhanças são algumas (nomeadamente com Cabo Verde), as diferenças mais do que muitas, acentuando até a singularidade do poder local português. As diferenças radicam, desde logo, na dimensão e nas características dos 6 municípios em São Tomé e Príncipe, nos 22 de Cabo Verde, nos 308 de Portugal e nos 5565 do Brasil.

Dir-se-á, por exemplo, relativamente a Cabo Verde, que se acreditou na implementação real da democracia quando há 30 anos se começou a votar para o poder local. Hoje, após alguns avanços e recuos, assistimos com especial atenção, esperança e espírito positivo, ao anúncio unânime da aprovação em Angola da lei autárquica angolana que se prepara para, como acontece com Moçambique, fazer este último percurso na consolidação do regime democrático. Cá estaremos disponíveis para aprender, para dar nota das boas práticas, para dar nota dos nossos erros para que não sejam repetidos e acreditamos que seremos, como sempre acontece, bem recebidos para participarmos nessa discussão 'como fazer mais, melhor e mais depressa'.

A Associação Nacional de Assembleias Municipais que, com o Brasil (através da CNM e da MMM) e com Cabo Verde (através da ANMCV), tem feito um trabalho conjunto, lançou, aquando do seu Congresso, e em parceria com o Centro de Valorização de eleitos Locais e com a ValorGlocal, a Plataforma dos Órgãos Deliberativos de Países de Língua Portuguesa (https://pode-plp.com/) e promoveu as Jornadas Municipais Lusófonas em conjunto com o Instituto Sino-Lusófono na Universidade de Coimbra. Efetivamente, no dia 7 de Junho de 2024, na Universidade de Coimbra em que, para além de representantes diplomáticos da CPLP, da Guiné Bissau e de Cabo Verde, estiveram presentes diversos académicos de diversas Universidades, abordaram-se temas estruturantes também para o Poder Local Brasileiro e Africano nas suas diversas vertentes. O sucesso, que interessa partilhar quer com a Universidade de Coimbra, e em especial com o seu Vice Reitor João Nuno Calvão da Silva, quer com a Professora Fernanda Paula de Oliveira e a equipa organizadora que coordenou, destas Jornadas levaram a, de imediato, avançar com o desafio de, para o ano, levar a cabo as II Jornadas Municipais Lusófonas esperando que Angola, Moçambique, Guiné e São Tomé e Príncipe (com quem a ANAM celebrou o primeiro Protocolo de Cooperação), estejam presencialmente a intervir nesta discussão e neste trilhar de caminhos também eles todos diferentes e todos iguais.

Presidente da ANAM

> **A qualidade da democracia mede-se também pela solidez de um poder subnacional, de uma governação multinível eficaz.**

Opinião
Pedro Marques

América partida

Hoje realiza-se o primeiro debate das eleições presidenciais americanas, uma reedição do confronto entre Joe Biden e Donald Trump. Tal como em 2020, a eleição joga-se precisamente nos sentimentos das pessoas do centro, um grupo cada vez menor nos EUA – de tão polarizado que está o debate e o cenário político – e que há quatro anos deu a vitória aos Democratas.

Biden chega a este debate tendo recuperado, ainda que por uma diferença marginal, a liderança nas sondagens nacionais. É o resultado da condenação em tribunal de Trump, que usou dinheiro de campanha para silenciar uma testemunha e influenciar uma eleição. Mas Biden ainda está atrás na maioria dos estados flutuantes e decisivos.

Deste lado do mundo, esta indecisão (quase) causa espanto. Biden não é perfeito, mas a diferença para Trump é abismal.

Um Presidente responsável, que geriu as crises resultantes da pandemia e da guerra na Ucrânia com competência e sentido de Estado. Outro que negligenciou os riscos da Covid-19 para a saúde pública e que, por mais de uma vez, se desfez em elogios a Vladimir Putin.

Um Presidente que defende os direitos das mulheres contra a revogação pelo Supremo Tribunal de "Roe v. Wade", que eliminou a proteção federal do direito ao aborto. Outro que é misógino, nas palavras e nos atos, que não respeita os direitos das mulheres, incluindo a sua liberdade de escolha.

Um Presidente defensor das instituições, que se apresenta como um tipo honesto e decente. Outro que ataca diretamente a democracia, desde a instigação do assalto ao Capitólio, aos insultos à comunicação social ou tribunais – apelidou os últimos de "bando de corruptos", depois de ter sido condenado.

Para este cenário, muito contribui o sentimento de insegurança e descontrolo na fronteira a Sul, promovido de forma avassaladora nas redes sociais ou na Fox News. Mas também os ataques pessoais vis e sem dignidade à idade avançada de Joe Biden (apenas três anos mais velho que Trump).

Provavelmente, o debate desta noite será mais combate de boxe do que sessão de esclarecimento.

Trump quer descredibilizar a sua condenação em tribunal, retratando-a de forma desonesta como uma jogada do "sistema". Quer descredibilizar a capacidade do "avô" Biden pela via da humilhação e ataque pessoal. Será possível conquistar eleitores moderados com tanta boçalidade?

O "middle-class Joe" tem de ser combativo e mostrar energia, que está no comando do país e que é um homem capaz. Relembrar como o seu adversário é um perigo para a América e para a democracia, sem nunca descer ao nível rasteiro de Trump. Conseguirá esse equilíbrio?

Por agora, só uma coisa é certa: haverá um antes e um depois desta eleição. Nos EUA e no mundo.

Eurodeputado

18 VALORES

António Costa

As notícias do acordo para a eleição de António Costa para Presidente do Conselho Europeu confirmam o seu prestígio internacional. Se se confirmar, será o melhor Presidente do Conselho de sempre. Excelente para a Europa. Excelente para Portugal.

AIMA herdou sistema informático obsoleto. Investimento ascende a 2,2 milhões de euros

AGILIZAÇÃO Foram contratados novos servidores informáticos e de desenvolvimentos, além de equipamentos para recolha de dados biométricos e computadores para 250 novos postos de trabalho. AR discute hoje contratação de "até 10 mil funcionários", mas, na prática, modernização do parque tecnológico é necessária para que mais pessoas possam trabalhar.

TEXTO **AMANDA LIMA**

Além de ter herdado mais de 400 mil processos pendentes do antigo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), a Agência para a Integração, Migrações e Asilo (AIMA) também herdou um sistema informático que data de 2008. "Se colocar mais funcionários, o sistema não aguenta", disse ao DN uma fonte da AIMA. Por isso, a contratação de mais funcionários não será a saída única para agilização dos processos. É esta a proposta discutida hoje na Assembleia da República, em projeto do Partido Comunista Português (PCP). A iniciativa prevê a contratação de "até 10 mil" funcionários temporários para a AIMA.

A agência começou a funcionar no final de outubro do ano passado com o mesmo número de funcionários do antigo SEF e sem um sistema informático mais moderno. Só em abril deste ano, com a agência já em funcionamento há quase seis meses, foi lançado um concurso público para contratação de "Serviços para Evolução do SIGAP (Sistema de Informação e Gestão Automatizada de Processos)". O valor total do contrato é de 215.000,00 euros, de acordo com documento publicado no Diário da República (DRE).

Segundo Artur Jorge Girão, presidente do Sindicato dos Trabalhadores da AIMA, não faltou aviso ao Governo, nos últimos anos, a respeito da necessidade de investimento em tecnologias. "Em diversas audiências com o governo alertámos para isso, principalmente entre a transição do SEF para a AIMA", assegura ao DN o líder sindical. De acordo com Girão, "há muito tempo" que o sindicato chama a atenção para a problemática, que causa constrangimentos aos funcionários e ao serviço prestado aos utentes.

O DN tentou saber junto de Ana Catarina Mendes, antiga ministra dos Assuntos Parlamentares, o motivo de não terem sido realizados investimentos informáticos nos últimos anos, especialmente na criação da AIMA. Porém, a ex-ministra não respondeu até ao fecho desta reportagem. Do ano de 2008 até 2023, praticamente dobrou o número de imigrantes em território nacional - e a consequente subida do volume de processos. "É preciso consultar várias bases de dados para apenas um processo", por causa da falta de modernização do sistema, admitiu Ana Monteiro, vogal do conselho diretivo da agência. A profissional falava recentemente num evento sobre migrações e asilo em Lisboa, ao justificar a demora para a tramitação dos processos na AIMA. O próprio presidente, Luís Goes Pinheiro, disse em audição no Parlamento nesta semana que a agência nasceu com "um parque tecnológico obsoleto e ineficiente" e "absolutamente crítico".

Imigrantes muitas vezes ficam sem atendimento por falhas no sistema informático.

REINALDO RODRIGUES / GLOBAL IMAGENS

Um concurso foi realizado em abril e está em andamento, com previsão de entrada em funcionamento do mês de agosto, explica o líder sindical Artur Jorge Girão.

No sistema utilizado em postos de atendimento também são comuns constrangimentos informáticos. Nesta semana, na maior loja de Lisboa, o serviço ficou horas parado, com cancelamentos de agendamentos marcados há meses, por falhas no sistema, informou ao DN uma advogada que lá estava com um cliente. A profissional, que prefere manter o anonimato, afirmou que foi avisada no local que havia "falta de capacidade de sistema".

Como resultado, o imigrante, que chegou ao país com visto de trabalho, não sabe quando será reagendado. Até lá, ficará com a vida em suspenso, mesmo mudando-se para Portugal de forma "regular", como é a prioridade do novo Governo. "Sem os documentos, o meu cliente não consegue abrir conta em bancos, não consegue manter-se no trabalho. Isso é a verdadeira falta de dignidade humana que jamais pensei que fosse presenciar em uma país da União Europeia", desabafa a advogada, que acompanha com frequência imigrantes nas lojas da AIMA.

A ineficiência do sistema informático da agência é motivo de uma petição pública, lançada a 31 de janeiro deste ano pelo advogado brasileiro Célio Sauer. "Em relatos de funcionários que atuam com o SIGAP/SIRES, há a perceção de que existe uma sobrecarga dos sistemas citados", escreve na petição disponível *online*. Segundo o jurista, além de prejudicar os utentes, a situação "viola o princípio da boa administração" e os "princípios aplicáveis à administração eletrónica", ambos previstos em lei. A iniciativa conta com 1.381 assinaturas até o momento.

Melhorias em agosto

Apesar do sistema base permanecer o mesmo, datado de 2008, foram realizadas melhorias tecnológicas recentes. Ao menos três novos portais estão operacionais, o de reagrupamento familiar, o portal geral e um novo sistema para as manifestações de interesse já ingressadas. Segundo Artur Jorge Girão, é previsto que o novo sistema operacional esteja a funcionar no mês de agosto.

Luís Goes Pinheiro, no Parlamento, anunciou que foram contratados novos servidores informáticos e de desenvolvimento que somam mais de 1,2 milhões de euros. Também foi investido o montante de 800 mil euros para compra de equipamentos que vão permitir a criação de 250 novos postos de atendimento.

amanda.lima@dn.pt

DIVULGAÇÃO POLÍCIA JUDICIÁRIA

PJ manda incinerar sete toneladas de droga

A assinalar, ontem, *o Dia Internacional Contra Abuso e Tráfico Ilícito de Drogas*, a Polícia Judiciária procedeu à destruição, por incineração, de cerca de sete toneladas de vários tipos de drogas ilícitas apreendidas pelos órgãos de polícia criminal e serviços aduaneiros e de segurança com competências em matéria de fiscalização, prevenção e investigação criminal nesta matéria.

No ano passado foram apreendidas, em Portugal, cerca de 22 toneladas de cocaína, 38 toneladas de haxixe e quantidades menores de outros tipos de drogas, como opiáceos, entre estes a heroína, e drogas sintéticas.

Consumo de drogas aumentou 20% na última década em todo o mundo

RELATÓRIO Existem 292 milhões de consumidores de droga, a nível mundial. A produção de cocaína atingiu um recorde e aumentaram as tentativas de suicídio relacionadas com a canábis.

TEXTO **ISABEL LARANJO**

O aparecimento de novos opiáceos sintéticos, um aumento na produção e distribuição de cocaína, o uso de drogas psicadélicas e os efeitos na saúde de drogas como a canábis são algumas das preocupações reveladas no *Relatório Mundial sobre Drogas 2024* do UNODC (United Nations Office on Drugs and Crime).

Segundo este relatório, o número de consumidores de droga aumentou 20% na última década sendo, atualmente, estimado em 292 milhões, em todo o mundo. "A canábis continua a ser a droga mais consumida a nível mundial (228 milhões), seguida dos opiáceos (60 milhões de consumidores), das anfetaminas (30 milhões), da cocaína (23 milhões) e do *ecstasy* (20 milhões)", pode ler-se no documento.

A produção global de ópio diminuiu 74% em 2023. "As consequências, a longo prazo, incluindo a pureza da heroína e a transferência para outros opiáceos por parte dos consumidores de heroína (...)" podem acontecer. Aliás, novos opioides, como nitazanes, "um grupo de opioides sintéticos que podem ser mais potentes do que o fentanil, surgiram recentemente em vários países de elevados rendimentos, levando a um aumento das mortes por *overdose*", refere o texto.

O *Relatório Mundial sobre Drogas 2024* dá conta dos efeitos nefastos da canábis, a droga mais consumida em todo o mundo. "Em janeiro de 2024, Canadá, Uruguai e 27 jurisdições dos Estados Unidos legalizaram a produção e venda de canábis para uso não medicinal, enquanto várias abordagens legislativas surgiram noutras partes do mundo", pode ler-se. No entanto, esta legalização não ajudou a diminuir os problemas com o uso desta droga. "Nessas jurisdições da América, o processo parece ter acelerado o uso nocivo da droga e levado a uma diversificação dos produtos de canábis, muitos deles ricos em THC". As consequências são sérias: "As hospitalizações relacionadas com perturbações ligadas ao consumo de canábis e a percentagem de pessoas que sofrem de perturbações psiquiátricas e tentativas de suicídio associadas ao consumo habitual de canábis aumentaram no Canadá e nos EUA, especialmente entre jovens adultos".

O aumento de produção e circulação de cocaína é outra preocupação da ONU. "Em 2022 foi produzido um novo recorde de 2757 toneladas de cocaína, o que representa um aumento de 20% em relação a 2021. (...) O cultivo global da coca aumentou 12% entre 2021 e 2022, atingindo 355 mil hectares". Por isso, o documento assinala um "*boom* prolongado da oferta e da procura de cocaína", tendo este coincidido com "a escalada de violência nos Estados, ao longo da cadeia de abastecimento (...) e um aumento dos danos para a saúde nos países de destino, incluindo os da Europa Ocidental e Central".

O documento sublinha, ainda, "um crescente interesse comercial" pelas drogas psicadélicas.

isabel.laranjo@dn.pt

22

Quantidade Em 2023 foram apreendidas 22 toneladas de cocaína em Portugal. O *crack* é, hoje, uma grande preocupação.

2757

Recorde A produção de cocaína, a nível mundial, aumentou 20% e saldou-se em 2757 toneladas, em 2022.

23

Consumidores Apesar do aumento no consumo, a cocaína ainda está em quarto lugar nas preferências dos consumidores.

BREVES

Greve de transportes no Porto

A operação da Sociedade de Transportes Coletivos do Porto (STCP) estará com serviços mínimos entre as 10.00 e 13.00 de amanhã (dia 28) devido à realização de um plenário geral de trabalhadores, anunciou a empresa. Em comunicado, a STCP indica que, na sexta-feira, todas as viagens com partida até às 09.15 serão asseguradas, podendo verificar-se perturbações no serviço a partir dessa hora, tanto nos autocarros como no elétrico. "A STCP informa que o serviço retomará progressivamente a normalidade a partir das 13.45". Devido ao plenário geral de trabalhadores, entre as 09.15 e 13.45, a operação estará com serviços mínimos, correspondendo a cerca de 20% das viagens previstas nas linhas 200, 201, 204, 205, 207, 208, 305, 500, 502, 600, 602, 701, 702, 704, 801, 901/906, 903 e 907.

Carta aberta pede psicólogos nas escolas

A Ordem dos Psicólogos Portugueses (OPP) pediu ao Governo que garanta até julho a continuidade de cerca de 500 psicólogos a trabalhar nas escolas públicas, a tempo de se preparar o próximo ano letivo. O apelo surge numa carta aberta ao ministro da Educação em que o bastonário da OPP, Francisco Miranda Rodrigues, reitera um pedido de reunião com Fernando Alexandre, após se ter reunido com cerca de 90 psicólogos das escolas públicas no início deste mês. Na missiva, o bastonário dos psicólogos transmite a sua "grande preocupação" face à necessidade de assegurar "a continuidade e qualidade das intervenções dos psicólogos junto da população escolar, garantindo que se cumpre a vinculação destes profissionais prevista no Orçamento do Estado".

Como as baterias dos carros elétricos podem ajudar a rede (e conquistar condutores)

TECNOLOGIA Construtores estão a explorar o armazenamento de energia nas baterias dos automóveis para ajudar as empresas e serviços públicos do setor energético a gerir as redes e economizar o dinheiro dos clientes, transformando um componente caro num ativo industrial.

Um cliente da Mobility House a usar o sistema de carregamento da empresa, em Munique.

TEXTO **JACK EWING** - THE NEW YORK TIMES

ANA BRIGIDA/THE NEW YORK TIMES

A Neue Klasse é a nova geração de veículo elétricos da BMW.

Os carros elétricos são mais caros do que os modelos a gasolina, em grande parte porque as baterias são muito caras. Mas uma nova tecnologia pode transformar esses dispositivos caros num ativo, dando aos proprietários benefícios como a redução das contas de serviços públicos, pagamentos de aluguer mais baixos ou estacionamento gratuito.

A Ford Motor, a General Motors, a BMW e outros fabricantes de automóveis estão a estudar a possibilidade de utilizar as baterias dos automóveis elétricos para armazenar o excesso de energia renovável e ajudar os serviços públicos a lidar com as flutuações da oferta e da procura de energia. Os fabricantes de automóveis ganhariam dinheiro ao servirem de intermediários entre os proprietários dos veículos e os fornecedores de energia.

Milhões de carros podem ser considerados como um enorme sistema de energia que, pela primeira vez, será ligado a outro enorme sistema de energia, a rede elétrica, disse Matthias Preindl, professor associado de Sistemas Eletrónicos de Potência na Universidade de Columbia.

"Estamos apenas no ponto de partida", afirmou Preindl. "No futuro, irão interagir mais e podem potencialmente apoiar-se mutuamente – ou stressar-se mutuamente."

Um grande ecrã plano na parede dos escritórios de Munique da Mobility House, uma empresa cujos investidores incluem a Mercedes-Benz e a Renault, ilustra uma forma de os fabricantes de automóveis poderem lucrar enquanto ajudam a estabilizar a rede.

Os gráficos e números no ecrã fornecem uma imagem em tempo real de um mercado europeu de energia onde investidores e empresas de serviços públicos compram e vendem eletricidade. O preço muda de minuto a minuto à medida que a oferta e a procura aumentam ou diminuem.

A Mobility House compra energia quando a energia solar e eólica é abundante e barata, armazenando-a em veículos elétricos que fazem parte do seu sistema e que estão ligados em toda a Europa. Quando a procura e os preços sobem, a empresa revende a eletricidade. É uma jogada clássica: comprar em baixa, vender em alta.

Há anos que os setores automóvel e da energia falam da utilização de baterias de automóveis para armazenamento na rede. À medida que o número de carros elétricos na estrada aumenta, essas ideias estão a tornar-se mais tangíveis.

A Renault, o fabricante francês de automóveis, está a oferecer a tecnologia da Mobility House aos compradores do seu automóvel compacto elétrico R5, cujas encomendas começaram em maio. O carro, que a Renault começará a entregar em dezembro, custa a partir de 29 490 euros em França.

Os compradores que optarem por este modelo receberão um carregador doméstico gratuito e assinarão um contrato que permite à Renault retirar energia dos veículos quando estes estiverem ligados à corrente. Os proprietários do R5 poderão controlar a quantidade de energia que devolvem à rede e quando. Em contrapartida, terão uma redução nas suas faturas de eletricidade.

"Quanto mais se ligarem à corrente, mais ganham", disse Ziad Dagher, um executivo da Renault responsável pelo programa. A Renault calcula que os participantes poderão reduzir em 15% a fatura energética das suas casas.

A Renault, que oferecerá a tecnologia em França antes de a lançar na Alemanha, na Grã-Bretanha e noutros países, partilhará os lucros que a Mobility House gerar com o comércio de energia.

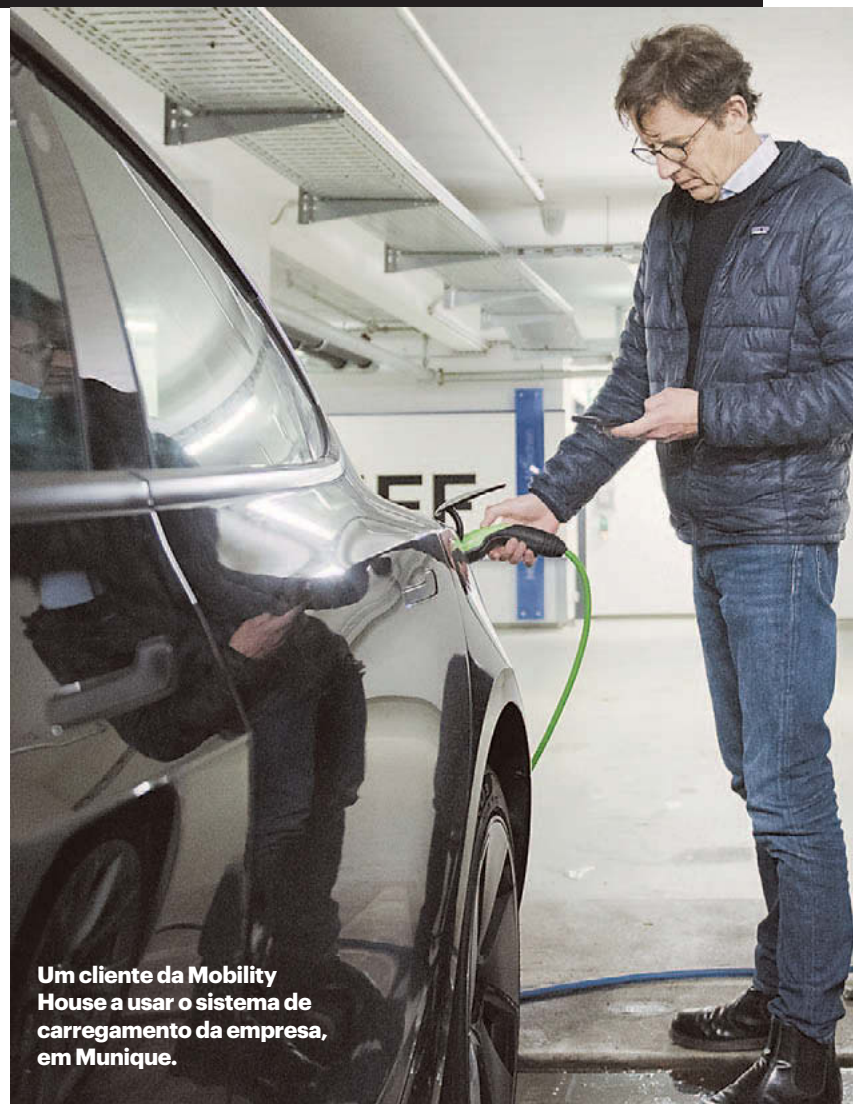
> A Ford foi pioneira no carregamento bidirecional com a *pick-up* F-150 Lightning, que pode alimentar uma casa durante um apagão.

Se estes serviços forem bem sucedidos, o argumento financeiro a favor dos veículos elétricos (VE), um importante instrumento contra as alterações climáticas, tornar-se-á mais forte.

"Isto iria realmente impulsionar a adoção de VE", disse Adam Langton, um executivo da BMW que trabalha em questões energéticas. A BMW já oferece um *software* que permite aos proprietários carregar os seus carros elétricos quando a energia renovável é mais abundante. Isto permite à empresa obter créditos de carbono e pagar aos clientes que participam no programa.

Uma nova geração de veículos elétricos que a BMW começará a vender no próximo ano, conhecida como Neue Klasse, terá a chamada capacidade bidirecional, o que significa que os carros poderão receber eletricidade da rede e devolvê-la, para além de utilizarem a energia para alimentar os seus motores.

A Ford foi pioneira no carregamento bidirecional com a *pick-up* F-150 Lightning, que pode alimentar uma casa durante um apagão. A General Motors, a Hyundai e a Volkswagen também oferecem ou planeiam oferecer automóveis com carregamento bidirecional. À medida que esses veículos se tornam mais comuns, o potencial de armazenamento pode ser enorme.

Até ao final da década, estima-se que 30 milhões de veículos elétricos poderão circular nas estra-

LAETITIA VANCON/THE NEW YORK TIME

das dos EUA, contra os cerca de 3 milhões atuais. Todos esses carros poderiam armazenar tanta energia como a produção de um dia de dezenas de centrais nucleares.

Mas, como é óbvio, esses milhões de automóveis podem também exercer pressão sobre a rede, que já está a receber uma procura crescente de eletricidade proveniente de bombas de calor e centros de dados, afirmou Aseem Kapur, diretor de receitas da GM Energy, uma unidade da General Motors que presta serviços aos proprietários de veículos elétricos. Ao ajudar a suavizar a procura, "os VE podem ser um recurso significativo", afirmou.

No entanto, alguns problemas precisam de ser resolvidos antes que essa visão possa ser concretizada. Os proprietários podem não estar ansiosos por ter os seus carros ao serviço da rede porque receiam que o carregamento e descarregamento constantes desgastem mais rapidamente as suas baterias.

Alguns especialistas em energia afirmam que a degradação seria insignificante, especialmente se os serviços públicos utilizassem apenas uma pequena fração da capacidade da bateria. A Renault está a lidar com esta questão oferecendo aos participantes no seu programa de armazenamento de energia a mesma garantia de oito anos e 160 mil quilómetros que as pessoas que não participam recebem.

Outro desafio é que algumas empresas de serviços públicos dos EUA e os reguladores estaduais que as supervisionam preferem operar redes centralizadas nas quais a energia flui quase inteiramente em uma única direção – das centrais elétricas para as residências e empresas.

Para ultrapassar a resistência dos serviços públicos, o estado de Maryland adotou no mês passado uma lei que os obriga a adaptarem-se a esquemas de carregamento bidirecionais e a oferecerem incentivos financeiros.

Há um reconhecimento crescente de que as baterias dos veículos elétricos são investimentos valiosos que a maioria dos proprietários utilizará ativamente apenas durante algumas horas por dia.

"Queremos desbloquear o valor total das baterias dos veículos elétricos", afirmou Gregor Hintler, CEO da Mobility House para a América do Norte.

Se todos os carros eléctricos da cidade de Nova Iorque fossem utilizados como armazenamento, disse Preindl, "esses veículos seriam, de longe, a central elétrica mais valiosa de Nova Iorque".

A Consolidated Edison (Con Ed), a empresa de serviços públicos que serve a cidade de Nova Iorque e alguns dos seus subúrbios, está a explorar a forma como a gestão dos tempos de carregamento e a utilização de veículos elétricos para armazenamento poderão ajudá-la a lidar com o rápido crescimento dos automóveis alimentados por baterias.

Contrariamente aos receios populares, "a rede não vai entrar em colapso" por causa dos carros elétricos, disse Britt Reichborn-Kjennerud, diretora de Mobilidade Elétrica da Con Ed. "A maior preocupação é que, se não planearmos de forma diferente este aumento muito rápido da carga, a rede não estará pronta a tempo de suportar a transição".

A Con Ed fornece energia a um depósito no Bronx para autocarros escolares elétricos da cidade de Nova Iorque, onde o *software* Mobility House permite que mais veículos utilizem as instalações.

As frotas de veículos elétricos pertencentes a empresas ou governos são uma forma particularmente promissora de armazenamento de energia de reserva. As carrinhas ou camiões têm baterias grandes e tendem a ter rotas e horários previsíveis.

A Ford Pro, a divisão de veículos comerciais da Ford Motor, começou a oferecer carregadores gratuitos aos clientes que permitem que estes sejam desligados durante os picos de procura de eletricidade. Os proprietários também poupam nas suas contas de eletricidade.

A Ford fornece o *software* para gerir os carregadores e adaptar-se às necessidades de condução dos clientes, e gere a relação com os serviços públicos. A Ford está a testar o serviço em Massachusetts antes de o expandir para outros estados. O próximo passo será um sistema bidirecional que permita que os veículos enviem energia para a rede.

"O que o carregamento inteligente pode fazer é reduzir os custos", disse Jim Gawron, diretor da estratégia de carregamento da divisão de veículos elétricos da Ford. "Essa tem sido uma barreira fundamental para os clientes".

Este texto foi originalmente publicado em The New York Times

> Há anos que os setores automóvel e da energia falam da utilização de baterias de automóveis para armazenamento na rede. À medida que o número de carros elétricos na estrada aumenta, essas ideias estão a tornar-se mais tangíveis.

Opinião
Rute Agulhas

As crianças andam a ver pornografia?

Sei que esta é uma pergunta difícil de se ouvir, mas receio que a resposta o seja ainda mais. Sim, muitas crianças têm acesso a conteúdos pornográficos e muitas outras são ainda aliciadas para produzir esses mesmos conteúdos. Tudo isto na pacatez do seu quarto, sem que os pais sequer imaginem esta realidade.

Antigamente, no chamado "nosso tempo", a pornografia era uma realidade acessível aos mais novos apenas através das páginas que se espreitavam às escondidas nas revistas do quiosque da esquina, ou bem guardadas debaixo do colchão do irmão mais velho. Hoje, a pornografia está à distância de um clique e, quando o telemóvel não lhe permite aceder devido ao controlo parental, existe sempre o telemóvel de um amigo ou de um colega que escapou a essa ferramenta.

A curiosidade sexual começa ainda na fase da pré-adolescência, aumentando gradualmente à medida que se cresce. Com esta curiosidade, surge a necessidade em obter mais informação – que, muitas vezes, se traduz em verdadeira desinformação, a partir do momento em que é veiculada apenas através do grupo de pares e do mundo digital.

Importa enfrentar esta realidade e não fazer de conta que ela não existe. Crianças de 8 e 9 anos de idade têm acesso a pornografia e muitas são também vítimas de engano, coação e extorsão, levando-as a fotografarem-se e a filmarem-se, partilhando depois esses ficheiros. De acordo com a *Internet Watch Foundation*, 2022 foi o primeiro ano em que as imagens sexuais autogeradas por crianças dos 7 aos 10 anos de idade foram mais prevalentes do que as imagens não autogeradas. Em 2023, a percentagem de imagens autogeradas por crianças desta faixa etária aumentou 65%.

Não existe uma receita simples para lidar com esta situação, na medida em que é necessário uma abordagem holística – não apenas legislação adequada e mecanismos de controlo mais severos, mas também prevenção e intervenção a nível comunitário, pensando nos vários contextos onde as crianças estão inseridas – com especial destaque para a família e a escola.

Concretamente, a família deve tentar criar – desde cedo, e não apenas na adolescência – canais de comunicação abertos que permitam à criança conversar sobre todos os assuntos, sem medo e sem vergonha. Apenas num espaço seguro e contentor a criança conseguirá expor as suas dúvidas e preocupações, e ser ajudada a questionar tudo aquilo que vê. Com calma e sem juízos de valor.

Em paralelo, os pais pedirem ajuda especializada para que estas situações sejam devidamente sinalizadas.

> **"2022 foi o primeiro ano em que as imagens sexuais autogeradas por crianças dos 7 aos 10 anos de idade foram mais prevalentes do que as imagens não autogeradas.**

Psicóloga clínica e forense, terapeuta familiar e de casal

Défice do SNS com maior queda desde 2016, mas pagamentos em atraso disparam

CONSELHO DAS FINANÇAS Saúde custa 14 mil milhões de euros por ano, tem mais profissionais, mas não consegue dar a devida resposta às populações. CFP alerta para "baixa prioridade dada ao investimento nos últimos anos".

TEXTO **LUÍS REIS RIBEIRO**

O défice orçamental do Serviço Nacional de Saúde (SNS) registou uma descida muito significativa em 2023, de quase 60% face a 2022, a maior redução de que há registo desde 2016, mas o sistema público está sob enorme *stress* devido à crescente procura por cuidados de saúde (num quadro populacional cada vez mais envelhecido), à entrega muito insuficiente de consultas, cuidados e tratamentos, ao aumento das listas de espera, a uma dívida muito elevada e a atrasos significativos no pagamento a fornecedores, que voltaram a aumentar após cinco anos de redução, mostra um novo estudo do Conselho das Finanças Públicas (CFP) sobre a evolução do desempenho do SNS em 2023, ontem publicado.

O SNS, o serviço público de saúde nacional de cariz universal, apresenta défices anuais, tendo registado o maior desequilíbrio dos últimos anos em 2021 (défice de quase 1,3 mil milhões de euros) pois foi o grande ator no combate à pandemia de covid-19.

Mas desde então que o défice tem vindo a recuar: 17% em 2022 e 59,2% em 2023, a maior redução desde os 69% de 2016, apesar de o SNS ter vindo a aumentar a de forma substancial a sua despesa.

GERARDO SANTOS / GLOBAL IMAGENS

Foram pagos 475 milhões de euros em horas extraordinárias no ano passado, mais 12,7% face a 2022.

Falta investimento

"A despesa do SNS ascendeu a 14 061 milhões de euros, traduzindo-se num aumento de 6,8% face ao ano anterior (+892,3 milhões de euros)", diz o avaliador das finanças, explicando que este aumento "deve-se, essencialmente, ao crescimento da despesa corrente em 761,8 milhões de euros face a 2022".

Os gastos correntes têm "um peso predominante na despesa do SNS, representando 97,4% do total e concentrando-se, essencialmente, em três rubricas: despesas com pessoal, fornecimentos e serviços externos (FSE) e compras de inventários". A folha salarial do SNS aumentou acima do ritmo da despesa, em quase 9%, para 5,8 mil milhões de euros no ano passado.

No entanto, apesar deste reforço, existem indicadores evidentes de que faltam meios. O CFP nota que a despesa de capital (bens de investimento) "continuou a representar uma percentagem diminuta da despesa total em 2023 (2,6%), refletindo a baixa prioridade dada ao investimento no SNS nos últimos anos".

O mesmo estudo assinala mesmo que no ano passado "as despesas de capital ficaram 460,2 milhões de euros abaixo do previsto no Orçamento do Estado (OE 2023)" e que esta "reduzida despesa de capital em 2023 deve-se, em parte, ao facto de se não terem efetivado os pagamentos associados ao plano de investimento com financiamento do PRR, relativos, por exemplo, à transição digital na saúde, aos cuidados de saúde primários e a equipamentos hospitalares". É a face visível da muito referida falta de meios adequados do SNS, outros dos obstáculos à maior eficiência do sistema.

Resposta fraca

O CFP nota que em 2023, a atividade hospitalar do SNS até aumentou, "mas de forma insuficiente para satisfazer a procura". Assim, há uma "saturação do acesso à resposta pública de saúde", diz o CFP.

"Nos cuidados primários, reduziu-se o número de consultas médicas. No âmbito da Rede Nacional Cuidados Continuados Integrados, o maior número de utentes assistidos em 2023 não foi suficiente para responder ao aumento do número de utentes referenciados", por exemplo. Assim, "o nível de atividade do SNS foi insuficiente para fazer face às necessidades (crescentes) da população".

O CFP recorda que Portugal já é o país da Europa com "o maior grau de população com necessidades de cuidados de saúde que reportou necessidades não satisfeitas".

O maior problema "eram as listas de espera", com o Conselho das Finanças a constatar que "o número de utentes em lista de espera para a primeira consulta" aumentou 46% face ao ano anterior, e que a lista de inscritos para cirurgia engrossou 13% em 2023.

O número de utentes inscritos no SNS aumentou para 10,6 milhões de pessoas, mas destes "1,7 milhões (16%) não tinham médico de família atribuído", ou seja, há mais 230 mil utentes nesta situação do que em 2022.

Stress financeiro estrutural

A dívida a fornecedores externos, que ascende a 1,2 mil milhões de euros, continua a ser considerada muito elevada e um problema "estrutural", apesar de ter registado a maior descida dos últimos anos (desde 2015, pelo menos), tendo caído 24%, mostram cálculos do DN/Dinheiro vivo com base nos dados do estudo do Conselho presidido por Nazaré Costa Cabral.

Ainda no capítulo da dívida, um dos sinais mais preocupantes é que o valor dos pagamentos em atraso interrompeu a tendência de descida que já vinha desde 2018, tendo disparado no ano passado.

Os pagamentos em atraso são uma parcela da chamada "dívida vencida (cujo prazo acordado de pagamento já terminou)". Esta última ascendia a 522 milhões de euros, o que faz com que a dívida total (incluindo a que já está em incumprimento) ascenda a mais de 1,7 mil milhões de euros.

O CFP repara que "em 2023, o SNS registou uma diminuição de 387 milhões de euros na dívida a fornecedores externos, atingindo um valor de 1,2 mil milhões de euros, a primeira redução após três anos de consecutivo aumento". "Este decréscimo refletiu-se na redução da dívida vincenda e da dívida vencida das entidades públicas empresariais (EPE) e das Administração Regional de Saúde (ARS)".

No entanto, alerta o CFP, "os pagamentos em atraso aumentaram para 141 milhões de euros, um incremento de 122 milhões de euros face a 2022, o que reflete a deterioração financeira das EPE e a necessidade de melhor gestão e processos de pagamentos mais ágeis".

"Apesar de uma injeção de capital de 1,1 mil milhões de euros em 2023, maioritariamente destinada à cobertura de prejuízos, a dívida estrutural do SNS não foi significativamente reduzida. O prazo médio de pagamento diminuiu para 96 dias, mas apenas 26% das entidades do SNS conseguiram cumprir a obrigação legal de pagar até 60 dias", observa o estudo.

luis.ribeiro@dinheirovivo.pt

Ministro das Finanças, acompanhado da secretária de Estados dos Assuntos Fiscais, Cláudia Reis Duarte.

Governo cria grupo de trabalho para alterar IMI sobre barragens

IMPOSTOS Objetivo é dotar o Executivo de "uma solução técnica estrutural" para tributação das barragens a partir de 2025, diz ministro.

TEXTO **CARLA ALVES RIBEIRO**

O Governo vai criar um grupo de trabalho técnico independente para estudar alterações ao Código do Imposto Municipal sobre Imóveis (IMI) para que seja contemplada a situação específica das barragens, anunciou ontem o ministro das Finanças, Joaquim Miranda Sarmento, que foi ouvido na comissão parlamentar de Orçamento, Finanças e Administração Pública.

O grupo de trabalho "será coordenado por uma personalidade independente e do ponto de vista académico irrepreensível", disse o ministro, e incluirá entidades como a Autoridade Tributária e Aduaneira (AT), a Agência Portuguesa do Ambiente, o Laboratório Nacional de Energia e Geologia, o Laboratório Nacional de Engenharia Civil, a Associação Nacional de Municípios Portugueses e a Associação Portuguesa de Energias Renováveis.

O objetivo, explicou o ministro, é "dotar o Governo de uma solução técnica estrutural para resolver este problema para o futuro", solução essa que será apresentada na Assembleia da República até ao final do ano, para que o IMI de 2025 e 2026 seja "pago de acordo com as novas regras".

Em causa está a venda de seis barragens da EDP sem que a empresa tenha pago impostos, e que o deputado do Chega Rui Afonso, que questionou o ministro das Finanças, apelidou de "planeamento fiscal agressivo", considerando "deveras estranho que a cúpula da Autoridade Tributária não tenha agido" tendo, "só com muita pressão, a AT feito as avaliações", além de ter deixado "caducar o IMI de 2019" a mais de uma centena de barragens.

Sobre este processo, Miranda Sarmento disse que não lhe "compete, enquanto ministro das Finanças, apurar se houve planeamento fiscal agressivo" ou pronunciar-se sobre "um processo que está em segredo de justiça". E sublinhou que se trata de um "processo complexo", não tenho dúvidas que a Autoridade Tributária tem feito tudo para defender o interesse público e a legalidade".

O governante apontou que se trata de "um processo sobre o qual o Ministério Público, o DCIAP, decidiu abrir um processo crime e o entendimento que existe é que enquanto o processo crime estiver em curso a AT não pode liquidar os impostos. Após a conclusão do processo, a AT liquidará esses impostos, se se demonstrar que são devidos".

A deputada do Bloco de Esquerda, Mariana Mortágua, considerou que nesta questão das barragens "não há um problema legal, há um problema político", e instou o ministro das Finanças a clarificar a sua posição. Miranda Sarmento respondeu que "não disse que o imposto não devia ser cobrado". "Eu não tenho dúvidas que essas liquidações são legais, mas é um processo para os tribunais. Se a AT liquidou, a minha posição é que o imposto é devido, mas quem tem de decidir num estado de direito são os tribunais", insistiu o ministro das Finanças. Miranda Sarmento sublinhou que "o grupo de trabalho não é para decidir se as barragens pagam ou não o IMI, mas qual a metodologia, quais as regras".

A secretária de Estado dos Assuntos Fiscais, também presente na comissão parlamentar, confirmou que há barragens que não vão pagar IMI referente a 2019, embora não tenha avançado o número. "Quanto a todas aquelas barragens em que, por variados motivos, não foi possível concluir as avaliações e as inscrições na matriz e emitir declarações de IMI, aí, sim, 2019 caducou e não é possível o imposto já ser liquidado", disse Cláudia Reis Duarte.

carla.ribeiro@dinheirovivo.pt

Isenção de IMT para jovens já em agosto

A isenção de Imposto Municipal sobre as Transmissões Onerosas de Imóveis (IMT) e do Imposto do Selo (IS) na compra da primeira casa por jovens até aos 35 anos de idade entra em vigor no dia 1 de agosto. O decreto-lei foi promulgado ontem pelo Presidente da República e deverá ser publicado em Diário da República nos próximos dias, depois de ter sido aprovado em Conselho de Ministros na passada terça-feira.

Em comunicado, o Governo diz que "o decreto-lei produz efeitos a 1 de agosto", e explica que se aplica "a compra da primeira habitação própria e permanente por jovens até aos 35 anos, através da alteração do Código do IMT e do Código do IS, até ao quarto escalão do IMT (até 316 mil euros). Existe uma isenção parcial no valor acima de 316 mil euros e até aos 633 mil euros". Entre estes dois montantes a taxa de IMT a aplicar é de 8%.

Esta medida, que implica perda de receita fiscal para as autarquias, "será acompanhada por um mecanismo de compensação para os municípios", confirma o Executivo.

Para poderem beneficiar da isenção e IMT e Imposto do Selo, os jovens têm de estar a comprar a sua primeira casa, destinada exclusivamente a habitação própria permanente e não podem ser considerados dependentes para efeitos de IRS. Também não podem ter sido proprietários de um imóvel habitacional até aos três anteriores.

Durante seis anos os beneficiários têm de manter o imóvel para habitação própria para não perderem o benefício fiscal, mas a lei prevê três exceções: venda do imóvel, alteração do agregado familiar (casamento ou união de facto ou aumento do número de dependentes) ou mudança do local de trabalho para uma distância superior a 100 quilómetros. **C.A.R.**

BREVES

Avaliação bancária das casas sobe 6,6%

O valor mediano de avaliação bancária na habitação aumentou 14 euros (0,9%) em maio face a abril e 100 euros (6,6%) em termos homólogos, para 1610 euros por metro quadrado (m2), segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE). A avaliação bancária, realizada no âmbito de pedidos de crédito para a aquisição de habitação, sobe consecutivamente desde dezembro de 2023. A variação em cadeia de 0,9% registada em maio ficou ligeiramente abaixo da de abril (1%), assim como a variação homóloga (6,6% em maio contra 7% em abril). O valor mais elevado da avaliação bancária foi na Grande Lisboa (2350 euros/m2) e o mais baixo no Centro (1094 euros/m2). O Algarve apresentou o aumento mais expressivo face ao mês anterior (2,9%), tendo a descida mais acentuada sido verificada na nos Açores (-4,6%).

Passe ferroviário vai ser alargado

O primeiro-ministro confirmou ontem o alargamento "num prazo muito curto" do passe ferroviário nacional, de 49 euros, a comboios inter-regionais, urbanos e intercidades, como previsto no orçamento do Estado de 2024, mas admitiu que será depois do prazo estabelecido na lei orçamental, que era até ao final do primeiro semestre de 2024. Num debate na Assembleia da República, e em resposta a uma questão da líder parlamentar do Livre, Isabel Mendes Lopes, sobre esta proposta do seu partido inscrita no Orçamento do anterior executivo socialista, Luís Montenegro garantiu que a medida entrará em vigor em breve. De acordo com a proposta, o alargamento do Passe Ferroviário Nacional "é acompanhado do reforço do serviço ferroviário e do investimento na renovação e aquisição de material circulante".

Debate de Biden *versus* Trump reeditado, agora com civilidade (espera-se)

EUA Lançamento da campanha para as presidenciais acontece nesta madrugada. O democrata esteve uma semana a preparar-se. O republicano pede despistagem de drogas e diz que debater é "mais uma atitude do que outra coisa".

TEXTO **CÉSAR AVÓ**

Uma sensação de *déjà vu* é inevitável quando confrontados com a próxima corrida eleitoral nos Estados Unidos. Salvo algum imprevisto, e ainda antes das convenções do Partido Democrata e do Partido Republicano entronizarem respetivamente Joe Biden e Donald Trump candidatos às presidenciais, tal como em 2020, a CNN realiza hoje (2.00 de sexta-feira em Lisboa) o primeiro debate entre ambos. Mas nem tudo se repete. O caos do embate de setembro de 2020, no qual o então presidente interrompeu o candidato democrata 35 vezes, ao ponto deste lançar um "Cala-te, homem", não deve voltar a acontecer porque as regras foram alteradas.

Os candidatos concordaram num modelo de debate de hora e meia sem público a assistir e no qual só o microfone do falante é que estará ligado. A cadeia televisiva classifica o evento de histórico porque é o primeiro entre um presidente em funções e um ex-presidente e também por ser o que decorre mais cedo no calendário desde o primeiro debate televisivo para as eleições presidenciais, em 1960. Por norma, o primeiro debate acontece em setembro ou outubro – e as eleições federais estão marcadas para a primeira terça-feira de novembro. A mudança, em teoria, favorece o presidente. "Não há público para interpretar. Para mim, com o público é mais fácil, porque nos diz o que se está a passar, indiretamente, com aplausos ou não aplausos. Esta sala é estéril e morta, que é o que eles querem", lamentou Trump ao *Washington Examiner*. Desarmante, admitiu que a preparação para o debate "é muito difícil", mas no fim de contas diz que a sua fórmula "é largamente baseada no senso comum". E o que é o senso comum para Trump? "É não permitir que as pessoas entrem no nosso país aos milhões se não se faz ideia de onde vêm. Não sei, acho que debater é mais uma atitude do que outra coisa."

Enquanto afirma a sua preferência pelo senso comum em vez do bom senso, o empresário nova-iorquino e a sua equipa lançaram uma campanha em que acusam Biden de tomar drogas antes de momentos como estes. "Despistagem de drogas para o vigarista Joe Biden? Também concordaria de imediato com um!", escreveu em maiúsculas Trump nas redes sociais. A alegação não é nova. Já num comício em 2020 disse que o democrata era sujeito a uma injeção antes dos debates. Agora repetiu o mesmo e ainda sugeriu outra coisa. "O que aconteceu à cocaína que desapareceu na Casa Branca há um mês?". Há um mês ninguém sabe – há um ano foi encontrada cocaína na ala oeste da sede da presidência, onde os visitantes têm de guardar os telemóveis. Estas alegações servirão para justificar o contraste com o "*zombie*" como o trumpismo tem retratado Biden.

EPA/WILL OLIVER

Trump foi aconselhado a falar da economia.

MEGAN VARNER/GETTY IMAGES/AFP

Biden diz que Trump não tem plano para classe média.

Para o debate, contudo, os próximos de Trump aconselham-no a não falar deste e de outros temas como o argumento sem base de que as anteriores eleições foram viciadas e explorar outros que dizem mais à generalidade da população, como o estado da economia e a inflação à cabeça, mas também a criminalidade, a imigração e a situação internacional, com as guerras na Ucrânia e na Faixa de Gaza. "Acho que ele não precisa de se envolver pessoalmente neste debate", disse a governadora do Dakota do Sul, Kristi Noem, aconselhando-o antes a falar de "como as pessoas tinham mais dinheiro nos bolsos".

40,9%

Intenção de votos para Biden, mais 0,1% do que para Trump, na média de sondagens segundo o *site* 538. É a primeira vez neste ano que presidente lidera.

46%

Votantes dos seis estados chave (Arizona, Geórgia, Michigan, Pensilvânia, Nevada e Wisconsin) dizem que caso Trump vença tentará ser um ditador.

O desempenho da economia norte-americana é um tema que Joe Biden gostaria de destacar, com indicadores positivos como a taxa de emprego, outros nem tanto como o crescimento do produto, mas sobretudo com o sentimento público de que a inflação se mantém alta (3,3% em maio, mês em que uma sondagem da Ipsos para a ABC News revelou que mais de 80% dos inquiridos afirmaram que a economia e a inflação eram determinantes para escolher em quem votar e em ambos os temas Trump tinha uma vantagem de 14 pontos sobre Biden). Num anúncio televisivo recente da campanha democrata, o narrador afirma que "Donald Trump adora atacar Joe Biden porque está concentrado em vingar-se e não tem nenhum plano para ajudar a classe média". À CNN, quatro "fontes próximas da Casa Branca" disseram que a estratégia de elogiar os investimentos e os sucessos no campo económico não estão a resultar. Biden, que esteve uma semana a preparar-se para o debate em Camp David, foi aconselhado a atacar o adversário político, e as suas relações com alguns setores empresariais – petrolíferas, empresas de criptomoedas, lóbi das armas – que procuram mais desregulação da economia e isenções de impostos, além da natureza inflacionária das políticas propostas.

Os gestores da campanha de Trump esperam por seu lado que Biden ataque Trump pelos seus problemas com a justiça, isto numa altura em que se espera que o Tribunal Constitucional se pronuncie sobre a alegação do ex-presidente sobre a sua imunidade judicial.

cesar.avo@dn.pt

Análise
Germano Almeida

O exame de Joe Biden

Ponto prévio: temos de ter cautela nas eventuais consequências eleitorais dos debates. Em 2016, Hillary venceu (nas sondagens) os três duelos com Trump e, no entanto, foi Donald quem foi eleito. O mesmo sucedeu em 2004: Kerry bateu Bush filho nos três debates, mas foi W. a conseguir a reeleição.

Mesmo assim, arrisco o rótulo de "decisivo" para o debate desta noite (2h da madrugada de Portugal continental), a realizar em Atlanta, com a moderação dos jornalistas da CNN Jake Tapper e Dana Bash. Mas só para Biden: é que o presidente terá um teste fundamental para poder mostrar que, afinal, está em perfeitas condições físicas e cognitivas para enfrentar mais um mandato.

Se Joe fizer um debate assertivo, articulado, conectado, pode afastar receios que permanecem no seu próprio eleitorado. Se, pelo contrário, tiver uma noite fraca, com *gaffes*, respostas vagas e dúbias e momentos de aparente "desligamento" (que irão direitinhos para *memes* nas redes e vídeos curtos bombados pela campanha Trump), as coisas podem complicar-se para o nomeado democrata.

É que o outro debate será só a 10 de setembro – e, até lá, com as convenções partidárias pelo meio, não se afigura provável que Biden tenha outro momento tão controlado em que possa, perante uma audiência de alcance nacional, destruir a ideia de que está demasiado velho para continuar a ser presidente.

Para Trump, o duelo desta noite não é assim tão importante. Donald tem o seu eleitorado fixo e fiel – precisa, essencialmente, de conservar as vantagens (curtas, mas sólidas) que vai mantendo nos estados decisivos e tentará desvalorizar as 34 condenações federais de que já foi alvo.

Espera-se que Biden encoste Trump às cordas na questão da Ucrânia (afinal, defende ou não o apoio a Kiev e a travagem da Rússia do seu amigo Putin?), do mesmo modo que é previsível que Trump acuse Biden de ser incapaz de resolver as guerras e de estar a afastar-se do governo de Israel.

A inflação pode beneficiar Trump, o aborto é tema que Biden está ansioso por lançar para a discussão. A imigração será, certamente, um dos *hot topics*.

Donald está a gerir expectativas para logo à noite. Depois de meses a acusar Biden de não conseguir acabar duas frases, insinuando suposta senilidade do presidente, o republicano fez um *flic-flac* e rotulou Joe de "debatedor digno". "Não quero subestimá-lo". Isto depois de repetir em comícios, nas últimas semanas, que Biden era "um indivíduo de baixo QI", o "pior, mais corrupto e mais incompetente presidente da história da América".

Está nos livros: chama-se baixar a fasquia antes de um desafio, para que depois o resultado nos pareça muito melhor. Trump a seguir a cartilha? Hey, quem diria…

Não serão permitidos adereços ou notas pré-escritas no palco. Os candidatos receberão uma caneta, um bloco de notas e uma garrafa de água. As decisões de desligar o microfone de um candidato quando é a vez do adversário falar, e de excluir uma audiência partidária, foram tomadas num esforço para reduzir o elemento teatral de desporto sangrento de gladiadores que ameaçou dominar os debates recentes, sobretudo o primeiro da eleição de 2020.

O debate, com a duração de 90 minutos, incluirá dois intervalos comerciais e cada equipa de campanha não poderá interagir com o candidato durante esse período. Os moderadores "usarão todas as ferramentas à sua disposição para garantir uma discussão civilizada", garante a organização da CNN.

Trump terá a intervenção final (assim ditou o sorteio). A campanha de Biden optou por escolher a posição correta no pódio, o que significa que o presidente democrata estará do lado direito dos ecrãs e o seu rival republicano estará do lado esquerdo.

Biden tem mais a ganhar – mas também terá mais a perder. É ele quem vai a exame.

> **Para Trump, o duelo desta noite não é assim tão importante. Donald tem o seu eleitorado fixo e fiel – precisa, essencialmente, de conservar as vantagens (curtas, mas sólidas) que vai mantendo nos estados decisivos e tentará desvalorizar as 34 condenações federais de que já foi alvo.**

Especialista em Política Internacional

Cargos europeus. "Irritação" de Meloni torna discussão "imprevisível"

CIMEIRA A primeira-ministra italiana lançou farpas ao acordo político que será apresentado hoje no Conselho Europeu. A poucas horas da reunião, não se sabe como será o seu discurso perante os 27 e o reflexo no andamento das discussões.

TEXTO **JOÃO FRANCISCO GUERREIRO,** BRUXELAS

Os líderes europeus reúnem-se esta quinta-feira em Bruxelas, numa cimeira que tem como tema quente a discussão sobre os cargos de topo para o próximo ciclo institucional. Depois do acordo preliminar alcançado dois dias antes da reunião magna dos 27, as três famílias políticas envolvidas na negociação deverão apresentar o conjunto de quatro personalidades para a liderança das instituições, entre as quais consta o nome de António Costa, para a presidência do Conselho Europeu.

Espera-se que os líderes europeus deem o aval ao acordo político preliminar, mas algumas incertezas persistem. Um dos fatores de preocupação, nas horas que antecedem a cimeira, é o posicionamento "imprevisível" da primeira-ministra italiana, Giorgia Meloni, admitiu fonte europeia ao DN.

O governo italiano tem expressado publicamente a sua ambição por um lugar de destaque na estrutura institucional, capaz de refletir "a importância" de um país fundador, que é simultaneamente um gigante económico à escala europeia, mas que não foi incluído no núcleo duro das negociações. Ao mesmo tempo, Meloni tem dado "sinais de insatisfação". E, a poucas horas da reunião, não se sabe como poderá ser o seu discurso perante os 27, e o reflexo no andamento das discussões.

Qualquer que seja a decisão, a chefe do Governo italiano terá de respeitar a linha vermelha traçada pelos grupos políticos que compõem a maioria parlamentar em Estrasburgo, onde uma parte do *puzzle* dos cargos institucionais tem de ser votada pelos eurodeputados. "Não envolver a extrema-direita", incluindo a família política europeia que acolhe o partido Irmãos de Itália de Meloni, é a tónica do discurso dos líderes do grupo dos Socialistas & Democratas e dos liberais do grupo Renew.

Ao falar perante o parlamento italiano, Meloni lançou ontem algumas farpas ao acordo político que será apresentado hoje aos líderes europeus, considerando que não reflete os resultados eleitorais para o Parlamento Europeu.

"Há quem argumente que os cidadãos não são sábios o suficiente para tomar certas decisões e que a oligarquia é a única forma aceitável de democracia, mas eu discordo", afirmou Meloni, considerando "surreal" a apresentação dos nomes "sem sequer fingir discutir os sinais dos eleitores".

O jornal *La Repubblica* admite que isolar Meloni nas negociações pode induzi-la a reagir de forma imprevisível, sugerindo que a primeira-ministra está consciente de estar "encurralada e marginalizada" e solicitou uma reunião presencial com a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen. O jornal *La Stampa* dá ainda conta da irritação de Meloni, ao ponto de ter recusado atender uma chamada do primeiro-ministro e negociador-chefe do Partido Popular Europeu (PPE), Kyriakos Mitsotakis.

Por outro lado, da parte do primeiro-ministro húngaro, Viktor Orbán, não se esperam entraves significativos, apesar da expressão pública de desagrado perante o anúncio de um acordo político preliminar. Uma fonte diplomática afirma que não haverá consequências, num dossiê que é votado por maioria qualificada e a expectativa é que o tópico dos cargos de topo fique encerrado já esta quinta-feira.

Ontem ao final do dia, ficou a saber-se que o primeiro-ministro espanhol, Pedro Sánchez não estará na cimeira – devido à morte do sogro, – tendo delegado o voto no chanceler alemão, Olaf Scholz que constituiu com ele a dupla de negociações dos socialistas.

A cimeira começará com a participação presencial do presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, que se deslocou a Bruxelas na semana em que arrancaram negociações formais para a adesão da Ucrânia à União Europeia. Zelensky assinará um acordo de segurança com a UE. Ao abrigo desse acordo, será garantido "apoio militar e compromissos de segurança" por parte de Bruxelas, segundo um documento de trabalho consultado pelo DN.

Na carta convite que enviou aos líderes europeus, o presidente do Conselho Europeu, Charles Michel, considerou "imperativa a intensificação do apoio militar à Ucrânia", em particular "na defesa aérea, munições e mísseis", devendo "continuar a mobilizar um amplo apoio internacional para uma paz justa na Ucrânia, baseada na Carta da ONU".

Os 27 vão também abordar a crise no Médio Oriente, que assume proporção "devastadora", conforme sublinha Charles Michel. A discussão servirá para lançar um novo apelo ao respeito pelo "direito internacional e pelo direito humanitário internacional", reiterando "o apelo a um cessar-fogo imediato em Gaza, a libertação de todos os reféns e um aumento significativo da assistência humanitária". A UE reforçará o apelo a "uma paz duradoura e sustentável, baseada na solução de dois Estados".

Charles Michel espera ainda um "avanço construtivo" nas discussões "em matéria de segurança e defesa". O Conselho Europeu deverá frisar a importância de realizar avanços sobre a estratégia para a indústria de defesa. Neste sentido, será levada a cabo "uma primeira discussão sobre as opções para mobilizar financiamento para a defesa europeia", refere a carta.

Está em causa a necessidade de a Europa "reduzir as dependências estratégicas, aumentar a sua prontidão e capacidade de defesa em geral", além de "fortalecer ainda mais a sua base tecnológica e industrial de defesa". Ainda no capítulo da defesa, o Conselho Europeu vai debater "as necessidades urgentes, imediatas e a médio prazo em matéria de defesa e iniciativas de defesa europeias".

EPA/RICCARDO ANTIMIANI

O governo italiano, liderado por Giorgia Meloni, tem expressado publicamente a sua ambição por um lugar de destaque na estrutura institucional da UE.

Ana Catarina Mendes e Cotrim *vices* do S&D e do Renew no PE

O eurodeputado da Iniciativa Liberal João Cotrim de Figueiredo foi hoje eleito um dos oito vice-presidentes do Renew, a bancada liberal do Parlamento Europeu, que agora tem 75 membros incluindo dois portugueses. Já Ana Catarina Mendes foi eleita vice-presidente da bancada dos Socialistas e Democratas (S&D) no Parlamento Europeu (PE). Tanto o antigo líder da Iniciativa Liberal como a ex-ministra socialista se pronunciaram sobre a escolha de António Costa para a presidência do Conselho Europeu. Cotrim afirmou-se "conformado", mas "longe de estar feliz" com a escolha do ex-primeiro-ministro. Já Ana Catarina Mendes, que foi ministra Adjunta e dos Assuntos Parlamentares no último executivo de Costa, garantiu ser "um orgulho" ver reconhecido o seu "trabalho e credibilidade".

DAVID GRAY / AFP

Julian Assange regressou a casa um homem livre

O fundador da WikiLeaks, Julian Assange, chegou ontem à Austrália, a bordo de um avião fretado depois de ter formalizado o acordo com a Justiça norte-americana que lhe garantiu a liberdade perante um tribunal nas Ilhas Marianas do Norte, um território dos Estados Unidos no Pacífico, após 14 anos de batalha judicial. O australiano, de 52 anos, ao sair do avião, ergueu o punho, atravessou a pista para abraçar a mulher, Stella Assange, e depois o pai, John Shipton, diante de dezenas de jornalistas. "Peço, por favor, que nos deem espaço, privacidade, para encontrarmos o nosso lugar, que deixem a nossa família ser uma família antes que ele possa falar de novo no momento em que escolher", disse a mulher de Assange, revelando que o desejo do marido é estar em contacto com a natureza.

Catalunha tem dois meses para ter novo governo ou ir a eleições

GENERALITAT Salvador Illa, do PSC, está empenhado num acordo à esquerda, enquanto o Junts insiste na candidatura de Puigdemont. A ERC não garante o seu voto a nenhum dos partidos.

TEXTO **ANA MEIRELES**

O presidente do Parlamento da Catalunha, Josep Rull, estabeleceu esta quarta-feira um prazo de dois meses para os partidos chegarem a acordo sobre um novo chefe do governo regional, caso contrário, haverá novas eleições, provavelmente a 13 de outubro. "Após consultas com os partidos, nenhum propôs um candidato para passar pelo debate de investidura presidencial no primeiro prazo", explicou Rull, do Junts per Catalunya. "No entanto, dois destes grupos parlamentares manifestaram a sua vontade de explorar formas de construir um acordo que torne a investidura possível durante os próximos dois meses".

Nenhum partido obteve maioria absoluta entre os 135 lugares do *Parlament* nas eleições catalãs de 12 de maio, nas quais os independentistas perderam o domínio que obtiveram na última década.

O Partido dos Socialistas da Catalunha (PSC), liderado por Salvador Illa, foi o mais votado, obtendo 42 deputados, enquanto que o Junts per Catalunya, do ex-líder catalão exilado Carles Puigdemont, terminou em segundo lugar, com 35 eleitos.

O Parlamento catalão tinha até esta última terça-feira para votar um novo governo, mas nem Illa nem Puigdemont decidiram apresentar-se a uma votação de investidura, uma vez que não tinham obtido apoio suficiente de outros partidos para terem sucesso e preferiram continuar a negociar.

Para ganhar o apoio de uma maioria absoluta de 68 deputados, Illa terá de garantir o apoio do partido independentista Esquerda Republicana da Catalunha (ERC), que conquistou 20 assentos nas eleições de maio, mas também os seis eleitos do Comuns Sumar. A ERC tem apoiado em Madrid o governo minoritário do primeiro-ministro socialista Pedro Sánchez, mas as suas exigências de financiamento regional até agora parecem ser demasiado para o PSC de Illa.

> Nenhum partido teve maioria absoluta nas eleições de 12 de maio, nas quais os independentistas perderam o domínio que obtiveram na última década.

Puigdemont também está a tentar conquistar a ERC, mas mesmo com o seu apoio, bem como o de outros dois partidos separatistas mais pequenos – a CUP, de extrema-esquerda, e a Aliança Catalana, de extrema-direita – fica ainda longe dos votos necessários para conseguir passar uma votação de investidura.

Na sessão plenária de ontem no *Parlament*, Salvador Illa garantiu que nos próximos dois meses trabalhará "de forma ativa, metódica e respeitosa" para conseguir a investidura e chegar a um acordo. "Tentarei por todos os meios garantir que haja uma investidura e não uma repetição das eleições", insistiu o socialista catalão.

Já o líder do grupo parlamentar do Junts per Catalunya, Albert Batet, insistiu na possibilidade de Carles Puigdemont voltar a ser presidente da Generalitat, cargo que exerceu entre janeiro de 2016 e outubro de 2017. "Esgotaremos todos os caminhos possíveis para ter o governo que a Catalunha merece", assegurou Batet.

E recordou a Illa que Jaume Collboni, do PSC, é presidente da Câmara de Barcelona apesar de ter perdido as autárquicas de maio do ano passado para Xavier Trias, do Junts. "A melhor forma de enfrentar os problemas é um governo de estrita obediência catalã, que teria que se orientar pelos objetivos contidos no acordo de Bruxelas assinado com o PSOE", prosseguiu Batet, projetando um cenário que só aconteceria se a ERC e a CUP votassem a favor a investidura de Carles Puigdemont e se o PSC de Illa se abstivesse nessa eleição.

Pretendida pelos dois lados, a ERC mostrou-se ontem crítica com PSC e Junts, por não terem apresentado um candidato à investidura. "Faltou-lhes bravura e coragem", afirmou o líder parlamentar Josep Maria Jové, sublinhando que o ainda *president*, Pere Aragonès (ERC), se apresentou em 2021 para a investidura sabendo que não seria eleito (só conseguiu na terceira votação). Jové deixou ainda um aviso: "Não tomem como garantidos os votos da ERC. Nem o Junts porque somos independentistas, nem no PSC porque se consideram de esquerda".

ana.meireles@dn.pt

HANDOUT / UKRAINIAN PRESIDENTIAL PRESS SERVICE / AFP

Zelensky agraciou vários militares na sua visita à zona de Donetsk.

Estados Unidos e Rússia discutem situação na Ucrânia e Zelensky visita linha da frente

GUERRA Kremlin considera absurdos mandados de captura do Tribunal Penal Internacional contra oficiais russos.

TEXTO **ANA MEIRELES**

O ministro da Defesa russo, Andrei Belousov, e o seu homólogo norte-americano, Lloyd Austin, conversaram por telefone na terça-feira para discutir o conflito na Ucrânia, anunciaram ontem Moscovo e Washington. Os Estados Unidos são o país que mais apoia Kiev em termos militares e financeiros, o que já levou a Rússia a acusá-lo de "envolvimento direto" no conflito.

De acordo com o Ministério da Defesa da Rússia, Belousov e Austin "trocaram opiniões sobre a situação em torno da Ucrânia", observando que a conversa ocorreu "por iniciativa do lado americano". "Andrei Belousov apontou para o perigo de uma nova escalada da situação em ligação com o fornecimento contínuo de armas dos EUA às Forças Armadas da Ucrânia", prosseguiu a mesma fonte, referindo ainda que "outras questões também foram discutidas".

Já o porta-voz do Pentágono, major-general Pat Ryder, também informou que o telefonema ocorreu, dizendo em comunicado que Austin "enfatizou a importância de manter linhas de comunicação em meio à guerra em curso da Rússia contra a Ucrânia", lembrando que esta foi a primeira conversa de Austin com Belousov, que foi nomeado em maio.

Na segunda-feira, o Kremlin alertou os Estados Unidos sobre as "consequências" e convocou o seu embaixador depois de Moscovo ter afirmado que um ataque ucraniano com um míssil norte-americano na Crimeia matou quatro pessoas. O que levou o porta-voz do Pentágono a dizer que os ucranianos "tomam as suas próprias decisões".

Entretanto, o porta-voz do Departamento de Estado, Matthew Miller, culpou a Rússia pelos combates e reiterou a posição da maior parte do mundo – que a Crimeia, anexada unilateralmente por Moscovo em 2014, continua a fazer parte da Ucrânia.

O Kremlin abordou ontem também os mandados de captura emitidos terça-feira pelo Tribunal Penal Internacional contra o chefe do Estado-Maior do Exército russo, Valery Gerasimov, e o ex-ministro da Defesa Sergei Shoigu, apelidando-os de "absurdos". Em causa estão alegados crimes de guerra e crimes contra a humanidade na Ucrânia.

Esta quarta-feira, o presidente ucraniano visitou a linha da frente na região de Donetsk, onde discutiu a situação militar e humanitária com comandantes de alta patente. Esta visita ocorreu poucos dias depois de Volodymyr Zelensky ter substituído o comandante das Forças Conjuntas da Ucrânia.

Zelensky elogiou o recém-nomeado Andriy Gnatov, que o acompanhou nesta visita, referindo que o general é "um jovem, mas o seu conhecimento da linha da frente e a sua experiência são exatamente o que precisamos".

O líder ucraniano também falou sobre a assistência às comunidades afetadas na região de Donetsk, que tem suportado o peso dos combates nos últimos meses. E fez um raro ataque a funcionários do seu governo, dizendo que eles "deveriam estar lá e em outros lugares perto da frente, em comunidades difíceis onde as pessoas precisam de soluções imediatas". "Fiquei surpreso que alguns funcionários governamentais relevantes não vêm aqui há seis meses ou mais. Tirarei conclusões apropriadas sobre eles", acrescentou.

ana.meireles@dn.pt

Rutte satisfeito por liderar NATO

O futuro secretário-geral da NATO, Mark Rutte, agradeceu a confiança nele depositada com a nomeação confirmada pelos 32 países da organização, que considerou ser "a pedra angular" da segurança coletiva ocidental. Rutte, 57 anos, vai suceder ao norueguês Jens Stoltenberg como secretário-geral da Organização do Tratado do Atlântico Norte a 1 de outubro.

"A Aliança é e continuará a ser a pedra angular da nossa segurança coletiva. Liderar esta organização é uma responsabilidade que não encaro de ânimo leve", escreveu o ainda primeiro-ministro dos Países Baixos nas redes sociais, saudando também "a liderança extraordinária" de Stoltenberg nos 10 anos em que chefiou a NATO.

Stoltenberg celebrou a designação do neerlandês com uma mensagem de felicitações na rede social X. "Rutte é um líder forte e um construtor de consensos. Desejo-lhe todo o sucesso. Sei que deixo a NATO em boas mãos", afirmou.

A presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, destacou que a liderança e a experiência de Rutte "serão cruciais para a Aliança durante estes tempos difíceis". "Espero trabalhar consigo para fortalecer ainda mais a associação UE-NATO", acrescentou.

Já o Kremlin afirmou que a nomeação de Rutte não mudará nada. "É pouco provável que esta decisão mude alguma coisa na linha geral da NATO, uma aliança que é hostil em relação à Rússia", referiu o porta-voz do Kremlin, Dmitri Peskov. Ao mesmo tempo, o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, elogiou Rutte, que chamou de "dirigente forte e que respeita os princípios".

"O presidente Biden acredita firmemente que Mark Rutte será um excelente secretário-geral", garantiu esta quarta-feira o porta-voz do Conselho de Segurança Nacional norte-americano, John Kirby. **A. M.**

Opinião
João Almeida Moreira

O recalque universitário

"Se a faculdade vai acabar com a vida do teu filho, não manda ele para a faculdade", pregou o pastor evangélico André Valadão, no dia 19 de junho.

"Criou o seu filho para quê? Criou a sua filha para quê? Para ela virar uma vagabunda? Ou você a criou para ser uma mulher santa, uma mulher digna, de família, cheia de Deus? Aí, ela tem um diploma e é rodada, é doida", continuou o líder da Igreja Batista da Lagoinha, de Belo Horizonte.

Valadão – com perdão pela obviedade que se segue – é eleitor, apoiante e amigo de Jair Bolsonaro.

E o ex-presidente do Brasil, como o pastor, também tinha repulsa pela universidade. "Lá, os alunos fazem tudo, menos estudar", afirmou um dia. Noutra ocasião chamou-os de "idiotas úteis" e de "massa de manobra" para delírio da massa de manobra de idiotas úteis que o apoia.

Aliás, entre os ministros da Educação do bolsonarismo, o primeiro, Ricardo Vélez, disse que "as universidades deviam ficar reservadas a uma elite intelectual", e o último, Milton Ribeiro, que "as universidades deviam ser para poucos". O do meio, Abraham Weintraub, revelou haver "plantações extensivas de maconha [cannabis]" nos campi.

Como despreza a ciência, o estudo, o saber, o conhecimento e a cultura, o bolsonarismo demoniza as universidades, síntese de tudo isso.

Demoniza-a, porém, à superfície porque, no íntimo, venera diplomas, títulos, canudos, patentes e cargos.

Eis exemplos: com doutoramento na Universidade de Rosário e pós-doutorado na Universidade de Wuppertal, Carlos Decotelli só não se tornou o quarto dos ministros da Educação de Bolsonaro porque, às vésperas da posse, se descobriu que não tinha doutoramento na Universidade de Rosário nem pós-doutoramento na Universidade de Wuppertal.

Ricardo Salles, o ministro do Ambiente investigado por contrabando de madeira ilegal da Amazónia para os EUA e Europa, assinou um artigo no jornal *Folha de S. Paulo* como "mestre em direito público por Yale" sem nunca ter pisado a universidade. "Erro da assessoria", culpou.

Damares Alves, a ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, que agiu para impedir que uma menina de 10 anos cuja gravidez fora fruto de violação abortasse, apresenta-se como "mestre em educação, em direito constitucional e da família" mesmo sem ter frequentado o ensino superior. "Nas igrejas cristãs é chamado mestre todo aquele que é dedicado ao ensino bíblico", justificou-se.

Wilson Witzel, ex-governador do Rio de Janeiro alvo de *impeachment*, em votação unânime, por fraudes no combate à covid, adicionou ao currículo um intercâmbio falso em Harvard. Disse o bolsonarista ferrenho, até a família presidencial romper com ele, que não cometeu nenhum erro porque projetou estudar em Harvard – só não o fez por falta de tempo.

Para o Supremo, Bolsonaro procurou nomear um juiz cujo currículo fosse "beber cerveja" com ele e encontrou em Kassio Nunes Marques a escolha ideal. Mas Marques, além de beber cerveja, tinha no currículo canudos de universidades na Corunha e em Messina que as instituições desconheciam.

E, até Valadão, o pastor que achava dia 19 que a universidade forma vagabundas, publicou nas redes sociais logo no dia 24, uma foto ao lado dos filhos... em Harvard. "Olha aqui na localização onde estou hoje", escreveu, com aquele sorriso subalterno que os bolsonaristas fazem sempre que vão aos idolatrados EUA.

Jornalista, correspondente em São Paulo

As capas dos três volumes de Cinema Imaginado com as fotos de Camilo José Vergara, um fotógrafo chileno, mas nova-iorquino.

Bruno de Almeida
"Quando faço música, penso sempre em filmes"

ENTREVISTA Conhecemo-lo sobretudo como realizador, mas o percurso de Bruno de Almeida começou com uma guitarra na mão e uma extraordinária vivência nova-iorquina. Memórias que circulam no álbum *Cinema Imaginado*, em três volumes, sobre os quais conversou com o DN – na qualidade de músico.

TEXTO **INÊS N. LOURENÇO**

Escutar imagens em movimento. Imagens-fantasma. É mais ou menos essa a proposta de *Cinema Imaginado*, uma trilogia de discos e álbuns digitais (lançados desde 2022) que se completa agora, fechando um conceito em tudo aberto à riqueza das sonoridades: vai-se do jazz ao funk, com desvios em esquinas inesperadas, como aquela que lança um feitiço estilo Nino Rota, ou outra que simula a febre e o suspense do *film noir*. Reunindo dezenas de músicos, que começaram por trabalhar à distância, entre Lisboa, Nova Orleães, Nova Iorque e a Bahia, o realizador de *A Arte de Amália* e *Cabaret Maxime* fez o seu filme "para ouvido ver".

Antes de se tornar realizador, na década de 90, o Bruno já estava numa relação com a música... Daí que este álbum em três capítulos não seja uma completa surpresa. Mas, ainda assim, o que é que o fez regressar à música nestes últimos anos?

O *Cinema Imaginado* foi uma consequência do confinamento [pandemia de covid-19]. Porque foi nesse período, em que não estávamos a fazer nada, que decidi organizar os meus arquivos – o que me levou a uma caixa cheia de cassetes e pautas, coisas que tinha feito na segunda metade dos Anos 80, quando já estava em Nova Iorque. E ao ouvir esse material, no processo de passá-lo da cassete para o digital, decidi espontaneamente começar este projeto. Isso levou-me ao contacto com músicos com quem tinha trabalhado há muitos anos, como o [cornetista] Graham Haynes, e... foi assim!

Portanto, foi ao fundo do baú mas criou temas de raiz. Temas que invertem a lógica da banda sonora para cinema, porque provocam imagens que não existem...

É um pouco como continuar a fazer filmes, mas "filmes auditivos". Acho que a música do projeto todo reflete imagens. As pessoas têm-me dito muito que imaginam um filme enquanto estão a ouvir o disco, e no fundo foi essa a minha ideia: é como se fosse a banda sonora para um filme que não existe. A música tem uma componente visual, uma sugestão de cinema.

E que imagens lhe ocorreram no processo de criação?

Há muita coisa que vem do meu próprio passado, que tem a ver com o universo de Nova Iorque. Mas há também outras músicas que não têm relação com nenhuma história ou cena em particular, vêm apenas de ambientes que eu imagino como sendo fílmicos, cinematográficos.

"O CD, curiosamente, está a voltar. Aliás, fiz um vinil do primeiro volume, que até vendeu bastante bem, pensei fazer o mesmo para os outros volumes, mas o que tenho descoberto nas lojas é que o CD está a voltar! "

Há aqui uma voz, uma personagem, que faz parte da identidade das músicas. De onde é que ela vem?

A personagem é uma espécie de alter ego. É um tipo solitário, escritor, que faz um bocado parte do ambiente *underground* nova-iorquino... É baseado numa pessoa que conheço. O que não significa que seja sempre, sempre a mesma personagem. Há ali a ideia de um indivíduo inconformista – um *flâneur*, se quisermos. A voz dele acaba por ser um fio condutor, alguém que vai contando umas histórias, umas *vignettes*.

De um ponto de vista pessoal, quais são as memórias que o Bruno tem de Nova Iorque no período que já referiu – Anos 80 –, enquanto cidade onde viveu durante 25 anos e estabeleceu o seu grupo de atores?

A segunda metade dos Anos 80 em Nova Iorque foi particularmente interessante. Uma altura em que houve uma série de acontecimentos nas artes, relacionados com o cruzamento de música, dança, pintura, isto é, uma mistura de graffiti, o começo do Hip hop... Nova Iorque era um centro muito específico de criatividade. Algo que mudou bastante ao longo das décadas: a cidade foi-se tornando mais segura, mas também mais comercial. Naquela época era muito fácil um artista de qualquer área ir para lá viver; arranjava-se trabalho com imensa facilidade. No meu caso, cheguei a Nova Iorque com 18 anos, o que quer dizer que os meus anos formativos foram lá, nessa atmosfera incrível onde...

...Havia um sentido de risco.

Exato, havia um sentido de risco, um sentido de aventura, de aceitação de qualquer experiência. Foi um período muito experimental. E eu estive nesse universo com o Graham Haynes, meu colaborador – fizemos muita música experimental na Knitting Factory e na Roulette, que são aqueles centros de música improvisada, em contacto com a eletrónica, havendo já aí uma relação forte com o cinema. Quer dizer, passávamos os dois o dia inteiro numa sala de cinema, a ver filmes do meio-dia à meia-noite, e depois íamos diretamente para o palco do Knitting Factory e tocávamos improvisando em função daquilo que tínhamos visto... Isso levou-me a querer ser compositor de bandas sonoras (houve uma altura em que cheguei a fazer música para dança), ainda fui a Roma tentar estudar com o Ennio Morricone (*risos*), e depois acabou por ganhar o cinema... Embora eu considere que são artes muito próximas. Portanto, a música aqui tem muito a ver com o imaginário dessa época: uma Nova Iorque que era mais perigosa mas ao mesmo tempo mais criativa, onde tudo podia acontecer. E agora quando faço música, penso sempre em filmes. Sou um cineasta, para todos os efeitos.

As capas dos três volumes são uma espécie de reflexo da paisagem musical que contêm. Como é que as escolheu?

Isto são fotografias do Camilo José Vergara, um fotógrafo chileno, mas nova-iorquino, que eu gosto muito. Quando estava à procura de um conceito para a capa, enfim, para o projeto, redescobri o trabalho dele. É um tipo muito interessante, que nos Anos 70 documentou uma série de bairros mais pobres, ao lado de Manhattan, e recentemente voltou lá para fazer fotografias iguais às que tinha feito na altura... E pronto, as imagens dele pareceram-me estabelecer uma boa relação com a ideia da cidade.

Numa altura em que os suportes físicos vão caindo em desuso – e penso sobretudo no DVD –, esta trilogia também implica um brio material...

O CD, curiosamente, está a voltar. Aliás, fiz um vinil do primeiro volume, que até vendeu bastante bem, pensei fazer o mesmo para os outros volumes, mas o que tenho descoberto nas lojas é que o CD está a voltar! As pessoas gostam de ter o objeto.

Uma câmara que interpela, colada aos corpos e à alma dos atores.

Um anjo na estrada americana

INDEPENDENTE Cannes 2023 ainda a escoar cinema pelas nossas salas. Esta semana, *A Doce Costa Leste*, o filme que revela Sean Price Williams e confirma a sua estrela, Talia Ryder. A história de uma liceal a fugir numa América perdida com cinema, política e violência.

TEXTO **RUI PEDRO TENDINHA**

O crescer-da-idade no formato da genealogia daquilo a que se entende de *indie* americano. Mas antes de mais nada, há que tentar perceber se o gesto de Sean Price Williams, diretor de fotografia de gente como os manos Safdie, por exemplo, não será uma espécie de último *hurrah* de uma maneira de emoldurar narrativas americanas. Esse *indie* que estará gasto tem seguramente uma celebração aqui. Celebração essa consentida com emoção e uma ternura quase nostálgica. Como se já não fosse possível acreditar numa pureza da própria essência de um tipo de cinema que já parece jurássico. E, para isso, é preferível sermos condescendentes ou românticos na abordagem a esta proposta de *road-movie*. Ou seja, deixamo-nos ir na viagem de uma jovem estudante em *school trip* da secundária.

A dada altura, a rapariga, Lilian, afasta-se dos colegas de escola e vê-se dentro de uma fábula tão violenta como suave na costa leste dos EUA. Uma suavidade que tem mesmo algo de absurdo, mas um absurdo, como o título indica, doce. Ela vai ao encontro de uma certa América, às vezes caótica mas quase sempre perto da mais ignóbil violência humana. A dada altura, é uma descoberta dela própria, talvez a partir do momento em que olha para a câmara e diz-nos a cantar que é uma gata. A transformação também se explica pelos encontros: primeiro com ativistas anarquistas que têm piercings no pénis e que são sobretudo artistas (um deles define-se como "artivista") anti-fascistas , depois um professor de literatura do séc. XVIII interpretado por Simon Rex, herói do cinema de Sean Baker, perfeito na pele de um fascista culto mas trafulha até à medula e, finalmente uns caricaturais cineastas negros (Jeremy O.Harris e Ayo Edebiri) que a escolhem como estrela de um drama de época armado ao pingarelho. Antes do regresso a casa, a possibilidade de um encontro sinistro com um grupo islâmico eventualmente *queer*.

> O nosso anjo, inclusive quando peca, sai sem ser chamuscado nesta fantasia. Mesmo quando o tiroteio ou os papões andam por perto. E, como a canção diz (cantada pela própria atriz), ela flutua pelo ar.

O espelho mágico

Obviamente que esta fugida de casa (e da sua Carolina do Sul) de Lilian é uma vénia ao universo de *Alice* de Lewis Carroll com uma embalagem pícara que parece inspirada em *Wild at Heart – Um Coração Selvagem*, de David Lynch. Talvez seja até demasiado óbvio, demasiado descarado mas a vontade, a boa vontade, de quem for à boleia pode amenizar as resistências. Neste país das maravilhas a violência tem algo de cartoonesco, mesmo quando o tom ameaçador esteja lá. De certa maneira, a inclusão de uma fruição de túneis (que são literais) fazem com que a caução do retrato social ou político desta América dividida esteja sempre mais perto da paródia do que qualquer outro registo. O nosso anjo, inclusive quando peca, sai sem ser chamuscado nesta fantasia. Mesmo quando o tiroteio ou os papões andam por perto. E, como a canção diz (cantada pela própria atriz), ela flutua pelo ar, sem feridas, sempre a amar o espelho noturno, mesmo quando chega a meia-noite.

Uma personagem fascinante, só possível ter aderência total graças à gestão de afetos de uma atriz como Talia Ryder, que já era majestosa em *Nunca Raramente às Vezes*, de Eliza Hittman, esse sim um dos maiores filmes independentes americanos dos últimos anos. Ryder, que não tem laços familiares com Winona Ryder, conjuga uma ideia de inocência com perdição, perversidade com carinho. É coisa dela, nota-se, muito para além do que o guião imaginava. Será justo pensar-se que é um rosto, um corpo, que transcende o filme. Talia merecia que o filme fosse menos trapalhão na sua abertura de portas entre os diversos capítulos. Merecia também que a descrição do caos não fosse tão feita no joelho, tão pouco vital. Será certamente um dos nomes a seguir com obsessão no cinema americano de autor, isto se tiver uma equipa de agentes e publicista que a saiba guiar.

Apoiado pela crítica

Em Cannes, o ano passado na Quinzena dos Cineastas, terá passado algo ao lado, mas nos EUA conseguiu ter tração graças a um trabalho de promoção em jeito de *tour*. E são muitos a acreditar que o papel da crítica num filme como este ainda pode ser importante. Se há filme que precisa de um certo mimo é *The Sweet Coast*. Bom *case study* para se perceber a força da crítica nos EUA. O que é certo é que um ano depois, graças à fama meteórica de Jacob Elordi, cujo pequeno papel não passa despercebido, teria tido um outro impacto.

Mesmo com todas as suas fragilidades, *A Doce Costa Leste* revela um novo cineasta cujas liberdades formais são todas elas excêntricas e bem caprichosas. Nada contra, alguma coisa a favor. Fica-se então num meio termo, provavelmente mais perto da frustração na medida em que há detalhes exaltantes. Apetece dizer que há uma partícula do filme que se confunde com um estado onírico embriagado. Uma contemporaneidade que não é postiça. E é por aí que essa ideia de América perdida faz algum sentido...

O mapa das estrelas

	JOÃO LOPES	RUI PEDRO TENDINHA	INÊS N. LOURENÇO
A DOCE COSTA LESTE	★★★	★★★	★★
A BESTA	★★★★	★★	★★★★
À MESA DA UNIDADE POPULAR	★★★	★★★	
GRU - O MALDISPOSTO 4			★★
THE BIKERIDERS		★★★★	★★★
DALILAND	★	★	★
O AMOR SEGUNDO DALVA	★★★★★	★★★	★★★
SOMA DAS PARTES	★★★	★★★	★★
OVNIS, MONSTROS E UTOPIAS		★★★	★★★
ONDE ESTÁ O PESSOA?		★★★★	★★★★

● Mau ★ Medíocre ★★ Com interesse ★★★ Bom ★★★★ Muito bom ★★★★★ Excecional

O tempo romântico e o que não fizemos com ele.

Léa Seydoux lembra-se das suas vidas passadas

SCI-FI Adaptação *sui generis* da literatura de Henry James, *A Besta* faz colidir entre si ficção científica, drama, romance e *thriller*, num épico estranhamente sedutor. É sem dúvida o filme mais ambicioso de Bertrand Bonello até à data.

TEXTO **INÊS N. LOURENÇO**

Quem diria que uma novela de Henry James com menos de 100 páginas daria um filme de longa duração, recheado de épocas e géneros. E, porém, nem *A Fera na Selva* é apenas um livro de poucas páginas – trata-se mesmo de um dos maiores clássicos jamesianos –, nem *A Besta*, de Bertrand Bonello, é apenas um filme que se distingue pela proeza de conseguir mover-se entre registos diferentes e erguer uma estrutura de aparência épica. Inspirando-se na premissa dessa novela de 1903, sobre um homem que confessa uma angústia secreta a uma conhecida, o realizador francês construiu uma viçosa peça de melancolia enigmática, que parece estender aquele momento do livro em que os estranhos, afinal conhecidos, se (re)encontram: "Dava-lhe a impressão de ser a sequela de alguma coisa a que tivesse perdido o início. Sabia que era uma continuação, e por hora aceitava-a gratamente como tal, mas uma continuação do quê, não conseguia adivinhar (...)".

A Besta funciona precisamente dentro desse sistema de impressões vagas e elipses, em que uma mulher, interpretada por Léa Seydoux, e um homem, a que o jovem britânico George MacKay dá rosto, se encontram em três épocas distintas – 1910, 2014, 2044 –, prolongando uma ideia de romance não concretizado, devido ao medo passivo dela. Ou seja, neste caso é a personagem feminina que vive com um pressentimento de desastre futuro.

O ano que enquadra os restantes é 2044, quando a personagem de Seydoux, Gabrielle, a viver numa Paris elegantemente pós-apocalíptica e controlada pela Inteligência Artificial, é submetida a um procedimento cirúrgico que visa torná-la apta para o mercado de trabalho. Um procedimento que, no fundo, é um método de purificação da psique, com o propósito de a desembaraçar do "equipamento emocional" humano, de maneira que preencha os requisitos do ideal da máquina. E assim, durante esse processo, Gabrielle vai-se lembrando das suas vidas passadas, entre a versão de 1910, em que é uma pianista na Paris da Grande Inundação, e 2014, período ambientado em Los Angeles, onde é uma modelo aspirante a atriz.

Resumir *A Besta* nesta divisão temporal é ingrato, porque o filme de Bonello acontece nos detalhes mais subtis, desde a inexpressividade do rosto de uma boneca da Belle Époque, relacionada com um androide de 2044, aos "monstros" naturais e tecnológicos que assombram a nossa existência. O que importa sublinhar é a estranheza de tudo isto, o trabalho conceptual por trás de uma fachada intrigante, que seduz como um sonho frio, a refletir as proporções do medo que nos paralisa. O que também equivale a dizer que não é um objeto para todos os gostos: o cineasta de *Apollonide* não facilita a apreensão desta viagem, antes incita a que nos concentremos no fio condutor que é a estupenda angústia de Gabrielle/Seydoux, matéria altamente literária. "Os grandes romances são de fantasmas", diz uma voz artificial em *A Besta*. E é talvez esta sinalizada fantasmagoria romântica que permite pensar o filme como uma bizarra história de amor, com outros estremecimentos secundários – de resto, a palavra "sentimento" é uma constante nos lábios das personagens.

Memórias de Moçambique: como se faz a história?

As palavras de que se faz a história

DOCUMENTÁRIO Com *À Mesa da Unidade Popular*, Isabel Noronha e Camilo de Sousa revisitam a herança do processo de independência de Moçambique: um filme sobre a urgência de lidar com as ilusões e desilusões da história.

TEXTO **JOÃO LOPES**

Convenhamos que, em Portugal, o conceito de "filme político" e, mais do que isso, as matrizes de abordagem da instância política têm vindo a ser vulgarizadas através do triunfo de um pobre imaginário televisivo. A redução da história a um jogo de contrastes maniqueístas está na moda, a ponto de algumas formas de abordagem dos 50 anos do 25 de Abril se esgotarem em proclamações pueris da "liberdade" como uma espécie de marca publicitária – a complexidade dos tempos vividos sob a ditadura fica reduzida a pó, ao mesmo tempo que a consolidação da democracia se confunde com o pitoresco de uma banal banda desenhada.

Lembrar esta conjuntura social (e as formas de percepção que promove) é importante para percebermos as singularidades de um filme como *À Mesa da Unidade Popular*, uma produção de Pedro Borges com realização de Isabel Noronha e Camilo de Sousa. Por uma vez, a história – neste caso, a evocação da independência de Moçambique e dos tempos atribulados que se seguiram – não é uma narrativa encerrada em meia dúzia de "símbolos" mais ou menos simplistas, antes uma dinâmica de acontecimentos, pessoas, ideias e desejos sempre aberta a alguma forma de questionamento e reavaliação.

De que se trata, então? Pois bem, de um fluxo de conversas e depoimentos organizado em torno do objecto que o título nomeia. Tal como se escreve nas notas de imprensa do filme: "*À Mesa da Unidade Popular* fazia parte da mobília que, no período pós-Independência, o Estado moçambicano pretendia atribuir a todas as famílias e reunia a ideia socialista de igualdade e justiça social com o conceito de Unidade Nacional, pressuposto básico da Frelimo para o desenvolvimento harmonioso do País. Hoje, voltamos a sentar-nos a essa mesa, para revisitar o processo de construção de uma Nação e a utopia de uma sociedade mais justa."

Esquematizando, *À Mesa da Unidade Popular* organiza-se a partir das memórias de um conceito em que, para o melhor e para o pior, o político se confundiu com o mitológico. A saber: a celebração do "Homem Novo" como princípio básico do desenvolvimento de Moçambique depois da independência de Portugal (proclamada a 25 de junho de 1975). As pessoas entrevistadas reflectem as respetivas ilusões e, sobretudo, as muitas desilusões (há mesmo quem aplique a palavra "traição") ligadas às tragédias da guerra civil.

Não é, entenda-se, um documentário que reduza o presente a um eco linear de tais memórias. Aliás, o presente em que o filme se enraíza envolve componentes emocionais que não se confundem com um qualquer "emblema" ideológico: estamos perante um "tempo novo" em que, no mínimo, passou a ser possível revisitar os traumas do passado, recolocando em perspetiva os contrastes e contradições da sua herança.

O trabalho cinematográfico não se esgota, assim, numa "reprodução" de imagens do passado, sempre intensas, por vezes perturbantes, mas escassas ao longo do filme. Mais que tudo, *À Mesa da Unidade Popular* aposta na reconquista das palavras, na urgência do dizer, como método de libertação da própria história – eis um labor genuinamente político.

MINISTÉRIO DA CULTURA DO BRASIL

Adélia Prado nasceu em Minas Gerais, Brasil, em 1935.

Prémio Camões 2024 para a escritora Adélia Prado

DISTINÇÃO O Ministério português da Cultura anunciou a atribuição do prémio à poetisa brasileira Adélia Prado. O júri desta edição considera-a "uma voz inconfundível na literatura de língua portuguesa".

A poetisa brasileira Adélia Prado venceu o Prémio Camões 2024, anunciou ontem o Ministério português da Cultura, com o júri a considerar que Prado é "há longos anos uma voz inconfundível na literatura de língua portuguesa".

Adélia Prado, nascida em Minas Gerais em 1935, "é autora de uma obra muito original, que se estende ao longo de décadas, com destaque para a produção poética", justificou o júri, que lhe atribuiu o Prémio Camões por maioria.

A escritora, que completa 89 anos em dezembro, formou-se em Filosofia, foi professora e estreou-se em 1976, já com 40 anos, com o livro de poesia Bagagem, apadrinhada por Carlos Drummond de Andrade. Aliás, foi Carlos Drummond de Andrade que enviou os primeiros poemas de Adélia Prado para publicação na Editora Imago, tendo escrito: "Adélia é lírica, bíblica, existencial, faz poesia como faz bom tempo...", como o júri do Prémio Camões recordou.

Adélia Prado é autora, entre outros, de *O Coração Disparado*, distinguido com o Prémio Jabuti de Literatura, e *Terra de Santa Cruz*, e das obras de prosa *Solte os Cachorros* e *Cacos para um Vitral*, além do livro para a infância *Quando eu era pequena*.

Em 2014, foi condecorada pelo Governo brasileiro com a Ordem do Mérito Cultural. Dois anos mais tarde, em 2016, saiu em Portugal *Tudo que existe louvará*, uma antologia de poesia organizada e prefaciada por José Tolentino Mendonça e Miguel Cabedo e Vasconcelos.

Esta é a 36.ª edição do Prémio Camões, instituído por Portugal e pelo Brasil em 1988 e que é considerado o prémio de maior prestígio da língua portuguesa. A intenção do prémio é homenagear um autor ou autora "que, pela sua obra, tenha contribuído para o engrandecimento e projeção da literatura em português", refere o protocolo. O júri desta edição do Prémio Camões foi constituído pelos professores universitários Clara Rocha (Portugal), Isabel Cristina Mateus (Portugal), Francisco Noa (Moçambique), Cleber Ribas de Almeida (Brasil), Deonísio da Silva (Brasil) e Dionísio Bahule (Moçambique).

> "É autora de uma obra muito original, que se estende ao longo de décadas, com destaque para a produção poética", justificou o júri sobre Adélia Prado.

O prémio, que em 2023 distinguiu o escritor e tradutor português João Barrento, tem o valor monetário de 100.000 euros.

A distinção tem sido atribuída sobretudo a autores do Brasil e de Portugal, e em 35 anos de história do galardão apenas foram distinguidas outras sete mulheres. Adélia Prado junta-se assim às outras mulheres que receberam este galardão: as autoras brasileiras Rachel Queiroz (1993) e Lygia Fagundes Telles (2005), as portuguesas Sophia de Mello Breyner Andresen (1999), Maria Velho da Costa (2002), Agustina Bessa-Luís (2004) e Hélia Correia (2015) e a moçambicana Paulina Chiziane (2021).

Além de Brasil e Portugal, com 15 e 14 premiados, respetivamente, o Prémio Camões foi ainda atribuído a três personalidades literárias de Moçambique, duas de Cabo Verde, às quais se juntam o escritor Pepetela, de Angola, e o luso-angolano Luandino Vieira. A história do galardão conta apenas com uma recusa, a de Luandino Vieira, em 2006. O primeiro vencedor, em 1989, foi Miguel Torga.

dnot@dn.pt

Arte chinesa do papel recortado: A transmissão de bons desejos mediante a tesoura e o papel

A arte do papel recortado é uma arte popular ancestral na China. Através dos cortes com as tesouras sobre o papel, surgem os diferentes padrões delicados. Em ocasiões festivas ou em celebrações de casamentos, as pessoas colam recortes de papel nas janelas, paredes, portas e lanternas das suas casas, criando uma atmosfera auspiciosa e festiva.

A imagem mostra os padrões mais comuns de recortes de papel nas janelas durante a Festival da Primavera: a palavra "Fu" (a felicidade) no centro, e os peixes de ambos os lados, cuja pronúncia em chinês é igual com "Yu", que significa a abundância de riqueza e alimentos no resto do ano, representando uma vida próspera.

À medida que o Ano Novo Chinês se aproxima, os leitores poderão notar, nas janelas dos restaurantes chineses ou supermercados chineses, muitas decorações em papel recortado de cor vermelha. Algumas destas decorações têm caracteres chineses com significados auspiciosos, como o carácter "Fu" (a felicidade) ou "Pingan" (a paz), enquanto outras representam os animais do zodíaco chinês, como o coelho, o dragão chinês, etc. Estes papeis com várias imagens colados nas janelas são obras da tradicional arte de papel recortado, também conhecidos como "Chuanghua" (a flor na janela). Trata-se uma forma de arte popular que envolve o uso de tesouras ou canivetes para engravar desenhos em papel. Não é apenas uma forma de decorar o quotidiano, mas também desempenha um papel importante em várias festas tradicionais e atividades folclóricas.

Antes da formação da arte do papel recortado, durante o período dos Reinos Combatentes (476-221 a.C.), já existiam decorações em couro produzidas com a técnica de vazados, consideradas precursoras da arte do papel recortado. Já falámos da invenção da fabricação de papel na China, e esta arte só se desenvolveu após a popularização da fabricação de papel. O período inicial do desenvolvimento da arte do papel recortado na China ocorreu durante as dinastias Wei, Jin, e do Norte e do Sul (220-589 d.C.), quando o papel de fibra vegetal mais grosso começou a ser produzido em massa. Atualmente, os mais antigos artefactos de recorte de papel existentes na China provêm de uma antiga tumba da região de Turpan, de Xinjiang, da dinastia do Norte (386-581 d.C.), e consistem em cinco fragmentos de recortes de papel com desenhos de flores circulares e repetidos.

A borboleta é um dos padrões básicos para quem aprende a técnica de recorte de papel, com uma forma simétrica, simples e bonita.

Os recortes de papel com elementos de coelho são muito populares durante o Festival da Primavera.

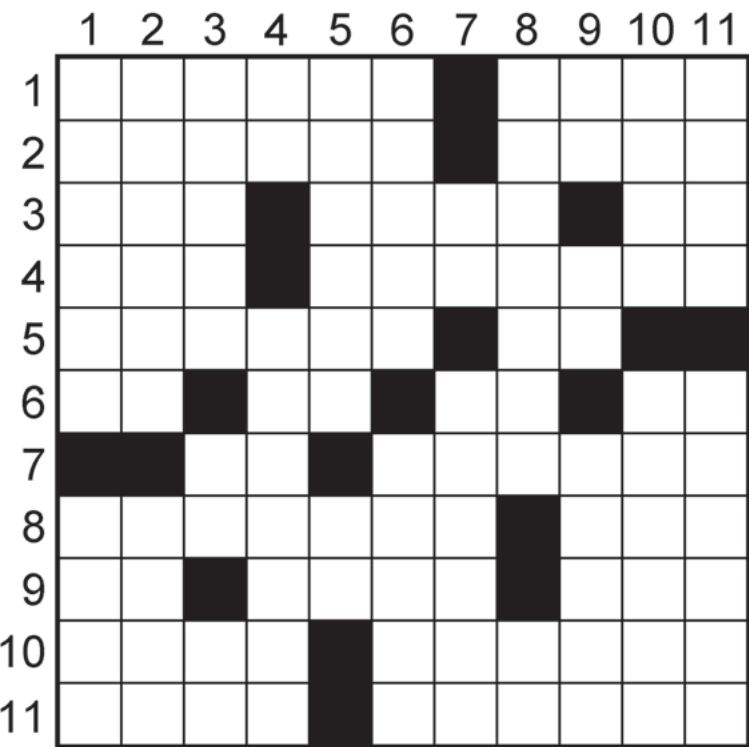
Durante a dinastia Tang, a arte do papel recortado desenvolveu-se rapidamente, destacando-se os temas budistas, como os padrões de flores budistas da Gruta de Mogao em Dunhuang, conservados no Museu Britânico. O poeta da dinastia Tang, Du Fu, escreveu uma frase poética que reza: "O recorte de papel atrai as almas", o que reflete o papel desempenhado pelo recorte de papel nas atividades de culto e nas práticas de bruxaria populares na China antiga. Na dinastia Song, a economia e a indústria artesanal na China estavam bastante desenvolvidas, surgindo artesãos que faziam do recorte de papel a sua profissão; na época Song, a arte foi utilizada na produção de porcelana, dando origem a chamada "porcelana decorada com motivos de recorte de papel", onde recortes de papel eram aplicados na superfície dos utensílios, após o processo de vidragem e cozedura, os padrões ficavam preservados na superfície da porcelana. A técnica de recorte de papel na China atingiu a sua maturidade durante as dinastias Ming e Qing, e nos medianos de Qing, Foshan, localizada a cerca de 130 quilómetros de Macau, tornou-se uma importante cidade do papel recortado na China. Esta indústria era muito próspera, produzindo e comercializando principalmente decorações e produtos de papel essenciais para atividades religiosas, rituais, festividades, e cerimónias de casamento e funerais.

Os temas de recorte de papel incluem geralmente criaturas míticas, animais, a natureza e personagens históricas. Nas atividades e ocasiões específicas, são utilizados os papéis recortados com conteúdo correspondente. Por exemplo, durante os casamentos, as celebrações de festividades e aniversários, são usados os recortes dos caracteres auspiciosos "Xi" (a dupla felicidade), "Fu" (a felicidade), "Ji" (o auspício) e "Shou" (a longevidade). Algumas famílias chinesas colocam os recortes de guardião da porta e de cabaças nas entradas para garantir a segurança e expulsar os maus espíritos.

A arte do papel recortado foi incluída na lista do Património Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO em 2009. No entanto, como uma arte comum do património cultural imaterial da humanidade, não se desenvolveu apenas na China, mas também existem obras primas em países como o Japão, as Filipinas, a Indonésia e o México. A arte do papel recortado da Suíça é famosa no continente europeu, tendo sido herdado das freiras dos conventos no século XVII com os temas principais como a paisagem dos Alpes e o cenário da vida dos pastores. Em 2006, a exposição "A Arte Mágica do Recorte de Papel Suíça e Foshan, China" foi organizada pelo Museu de Macau, estabelecendo uma plataforma de intercâmbio cultural da arte do recorte de papel.

Se tiverem interesse pela cultura chinesa, sintam-se livres para deixar os seus comentários através do e-mail:
contato.cultchina@gmail.com.

INICIATIVA DO MACAO DAILY NEWS

PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais:
1. Fartar. Superfície exterior do couro. **2.** Amigo. Tontura. **3.** Redução de Internet. Vereador. Antes do meio-dia. **4.** Época. Encaixe ou entalhe. **5.** Puxar para si. Preposição que indica lugar. **6.** Rádio (símbolo químico). Presidente da República (abreviatura). Sociedade Anónima. Portugal (Internet). **7.** Centilitro (abreviatura). Sitiar. **8.** Que cria. Altar. **9.** Interjeição utilizada para chamar a atenção ou para cumprimentar. Tombar. Dez vezes dez. **10.** Doença respiratória. Estrato. **11.** Ratar. Levantar.
Verticais:
1. Fazer o saneamento de. Comer a ceia. **2.** Situação de vigilância. Motejo. **3.** Mencionar. Numeração romana (101). A mim. **4.** Caminhava para lá. Tornar ou tornar-se plácido, acalmar. **5.** Ligar-se. «De» + «a». **6.** Girar. Pancada dos equídeos com as patas traseiras. **7.** Prefixo (negação). Cortar com serra ou serrote. **8.** Volver as folhas de um livro. Magnésio (símbolo químico). **9.** Rio chinês muito visitado por turistas. A unidade. Dinheiro (pop.). **10.** Discursar. Muro que forma o exterior de um edifício. **11.** Ramosidade. Maquinar (figurado).

SUDOKU

	5		1			9		
7		8		4	9			3
		6					1	
9			8		7		6	
5					1	4	3	
		3		5				8
	3					6		1
	6		4	8				
4							9	5

SOLUÇÕES

2	5	4	1	7	3	9	8	6
7	1	8	6	4	9	2	5	3
3	9	6	5	2	8	7	1	4
9	4	1	8	3	7	5	6	2
5	8	7	2	6	1	4	3	9
6	2	3	9	5	4	1	7	8
8	3	5	7	9	2	6	4	1
1	6	9	4	8	5	3	2	7
4	7	2	3	1	6	8	9	5

Palavras Cruzadas
Horizontais:
1. Saciar. Flor. 2. Aliado. Oira. 3. Net. Edil. AM. 4. Era. Ranhura. 5. Atrair. Em. 6. Ra. PR. SA. Pt. 7. Cl. Cercar. 8. Criador. Ara. 9. Ei. Cair. Cem. 10. Asma. Camada. 11. Roer. Erguer.
Verticais:
1. Sanear. Cear. 2. Alerta. Riso. 3. Citar. Cl. Me. 4. Ia. Aplacar. 5. Aderir. Da. 6. Rodar. Coice. 7. In. Serrar. 8. Folhear. Mg. 9. Li. Um. Cacau. 10. Orar. Parede. 11. Rama. Tramar.

CÂMARA MUNICIPAL DE MOURA

O Alqueva ganhou mais uma praia fluvial

TURISMO A Praia do Lago, a primeira do concelho de Moura, foi inaugurada na semana passada. Faz parte de um projeto que inclui ainda piscinas flutuantes, espaços de lazer e que quer crescer para incluir um centro de alto rendimento.

TEXTO **SOFIA FONSECA**

Tem bandeira azul, acessibilidades para pessoas com mobilidade reduzida e é acabadinha de estrear. A Praia do Lago é a mais recente praia fluvial do Alqueva, a primeira no concelho de Moura, e faz parte da nova estação náutica, que inclui ainda duas piscinas flutuantes e área de lazer e que ainda quer crescer.

A inauguração, na semana passada, veio a tempo para esta época balnear, mas o plano da autarquia é diversificar a oferta turística e requalificar a área envolvente da barragem do Alqueva, promovendo o desenvolvimento económico, social e cultural da região, e dar uso a esta zona durante todo o ano. Para já, segundo explica ao DN Nelson Bartolo, coordenador do espaço, está aberta a praia e as duas piscinas flutuantes – uma para crianças e outra para adultos – além da cafetaria com esplanada e de duas áreas de serviço para autocaravanas. Mas a estação náutica terá em breve, mal o concurso de concessão esteja terminado, três operadores turísticos ali instalados a oferecer várias atividades náuticas.

Depois do verão, inicia-se o projeto definitivo de arranjo dos espaços exteriores, mas há mais planos para esta zona, nomeadamente a construção de um centro náutico, para a qual é necessária autorização para alterar o Plano de Ordenamento das Albufeiras do Alqueva e Pedrógão, avança o responsável. "Queremos um centro náutico com condições para acolher acontecimentos desportivos e atletas todo o ano", diz Nelson Bartolo.

> A estação náutica terá em breve, mal o concurso de concessão esteja terminado, três operadores turísticos ali instalados a oferecer várias atividades.

Para isso, a autarquia tem já um edifício com 120 camas, cedido pela Empresa de Desenvolvimento e Infrestruturas do Alqueva, SA, com vista à criação de um centro de alto rendimento de desportos náuticos e de uma área de saúde e bem estar. "É um projeto que não está terminado e em que vamos somando novos investimentos para consolidar as infraestruturas", afirmou o presidente da Câmara de Moura, Álvaro Azedo, à Lusa. "Ou seja, todo aquele complexo vai continuar a crescer e a oferecer uma imensa mais-valia para o concelho", prometeu, explicando que se trata de "um conceito para 12 meses do ano, que alavanca iniciativas e atividades que vão desde o desporto ao recreio e à atividade escolar, entre outras iniciativas".

A própria praia, segundo explicou ao DN Nelson Bartolo, será para aumentar. Algo que até acontecerá naturalmente à medida que a água na albufeira for diminuindo. "A barragem agora está cheia. Tivemos de criar novos espaços de areia. À medida que a água for baixando vão surgir novos espaços que agora estão submersos", explica.

O projeto é "diferenciador, sustentável e acessível", realça este mesmo responsável, referindo várias infraestruturas e apoios disponíveis para pessoas com mobilidade reduzida – como cadeiras anfíbias e passadiços de acesso à água –, os quais permitiram o galardão de bandeira de praia acessível.

A praia e toda a estação náutica de Moura, que para já representa um investimento de quase 2,2 milhões de euros, é a mais recente aposta na albufeira do complexo do Alqueva, onde já existem as praias das Azenhas d'El Rei (Alandroal), da Amieira e do Alqueva (ambas em Portel), de Monsaraz (Reguengos de Monsaraz) e de Mourão, além das praias dos Cinco Reis (Beja) e de Albergaria dos Fusos (Cuba). No total, existem em Portugal 38 estações náuticas.

1 e 2 A estação náutica de Moura irá continuar a crescer nos próximos anos.
3 A zona envolvente foi arranjada, mas depois do Verão passará por nova intervenção.
4 A zona da cafetaria e esplanada.

Ano 60 — N.º 20.691 · PREÇO 10 CENTAVOS (100 réis)

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS JORNAES PORTUGUESES

Diario de Noticias

Fundadores EDUARDO COELHO e CONDE DE S. MARÇAL

Quinta feira, 27 de Junho de 1924

PUGNEMOS PELAS MISERICORDIAS!

AS TRADIÇÕES ÉPICAS DE PORTUGAL

encerram a mais bela instituição de caridade organizada que o mundo conhece

A iniciativa do "Diario de Noticias" — diz o Chefe do Estado — merecerá o aplauso do país inteiro

A VIAGEM AEREA · AS FESTAS promovidos em Macau em honra dos aviadores

UM HOMEM POPULAR SEM POPULARIDADE...

O GENERAL PRIMO DE RIVERA fala ao "Diario de Noticias"

O PRESIDENTE DO DIRECTORIO VISITARÁ PORTUGAL

O GOVÊRNO · O CONFLITO · UMA MORTE MISTERIOSA · Situação financeira

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 27 DE JUNHO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

PREÇO 10 CENTAVOS (100 réis)

FUNDADORES: Eduardo Coelho e Conde de S. Marçal

REDACTOR PRINCIPAL: José Rangel de Lima

UM HOMEM POPULAR SEM POPULARIDADE...

O GENERAL PRIMO DE RIVERA

fala ao "Diario de Noticias"

"Desejo que transmita a Portugal as minhas saudações e as minhas homenagens. Tenho uma grande estima pela nobre nação lusitana. Essa estima não ha de ficar em palavras. Hei de prova-la procurando estreitar os laços de amizade existentes entre as duas nações"

A ESPANHA NÃO TEM QUE SE METER ONDE NÃO É CHAMADA...

O PRESIDENTE DO DIRECTORIO VISITARÁ PORTUGAL

Director — AUGU

Telef. — 365, 534, 2446 e 5310

FESTA

Primo de Rivera, marquês de Estella, presidente do Directorio Militar, é um homem calmo, ironico, sorridente, um homem que conhece muito bem o terreno que pisa... Primo de Rivera tem a Espanha a seu lado, a Espanha disciplinada, a Espanha solarenga da provincia, a Espanha que não lamenta a ausencia da liberdade porque nunca abusou dela... A Espanha de Madrid, a Espanha das cidades, a Espanha que precisa de assunto para conversar nos cafés, não gosta de Primo de Rivera. Não perdôa ao ditador certas medidas, certas repressões... Primo de Rivera é um desmancha-prazeres... Madrid, por exemplo, gostava de se deitar quando lhe apetecia, gostava de andar na rua, até altas horas da madrugada, a cantar e a dançar... Primo de Rivera pôs um limite a esta alegria: proibiu Madrid de cantar e dançar depois das três horas da manhã... Madrid amuou e faz o seu «pied-de-nez» a Primo de Rivera quando o vê passar, a pé, na Gran-Via, a caminho do ministerio da Guerra, banalizado com o seu chapeu de palha, «signé» «Almacenes Rodriguez», e com o seu incaracteristico fato claro... Primo de Rivera, amado pela Espanha, é uma figura popular que não tem popularidade... O ditador confunde-se demais com a turba, anda poucas vezes de automovel, dança no Ritz, janta no Palace, frequenta os teatros baratos, os teatros do povo... Vimo-lo uma noite no teatro Rey Alfonso, um teatro de variedades. O ditador tomou o seu lugar na bicha, comprou o seu bilhete, disse duas amabilidades á empregada do «guichét» e dirigiu-se, sem cerimonias nem cumprimentos, para o seu camarote. Durante o espectaculo riu-se sem preocupações de protocolo, cumprimentou, com gestos efusivos, varios amigos dispersos no teatro e abanou-se, ostensivamente, com um modesto leque de papel... Não era um ditador: era um espanhol qualquer, um espanhol do povo, entregando-se, depois dum trabalho intenso, á alegria descuidada dum «Music-Hall»... Apesar de tudo, Primo de Rivera, em quem toda a Espanha confia, não entrou ainda na alma do povo... Quando fômos a Roma entrevistar Mussolini, em cada olhar que tivemos, encontrámos um retrato do ditador. Em Madrid, ao contrário, perdemos um dia a procurar um retrato de Primo de Rivera e não o encontrámos. Nada mais é preciso para demonstrar a impopularidade de Primo de Rivera, impopularidade que não tem nada que vêr com a admiração que a Espanha sente pelo presidente do Directorio. Os ditadores populares nem sempre são os mais simpaticos. A impopularidade do marquês de Estella, quanto a nós, provém justamente do seu perfil popular... O povo não gosta de se sentar á mesa com os governantes, não gosta de os vêr ao pé...

Se o governante se faz povo perde o encanto, perde o prestigio... O povo só reconhece autoridade a quem vive longe dele, a quem se faz estatua... Se o ditador desce á rua, o povo olha-o como um rival, como um individuo do mesmo sangue que se arroga direitos que não possui... Mussolini, que pertencia ao povo, conseguiu conquistar o povo afastando-se dele, fazendo-se nobre, instalando-se no palacio Chigi. Primo de Rivera, que não pertencia ao povo, tornou-se impopular, tornando-se simpatico, com o seu chapeu de palha, com as suas gargalhadas francas, com os seus passeios pela «calle» de Alcalá...

A obra do Directorio

A grande influencia do sr. Melo Barreto nos meios oficiais facilitou-nos a entrevista com Primo de Rivera. O sr. presidente do Directorio recebeu-nos hoje, ás cinco horas da tarde, no ministerio da Guerra. Contra o seu costume, o marquês de Estella encontrava-se fardado, vestido de ditador...

Primo de Rivera é um homem forte, habituado a dominar... Os seus olhos de côr indecisa são os dois unicos pontos de interrogação na sua mascara expressiva. Nunca se sabe o que ha atrás daqueles olhos, nunca se sabe onde eles querem chegar... Os olhos de Primo de Rivera devem ficar cansados ao fim do dia... Estão sempre em movimento, estão sempre a fugir do pensamento de quem os faz mover...

Rompemos fogo com uma frase atrevida, impertinente:

—O Directorio tinha feito a promessa de que não estaria no Poder mais de três meses. Mudou de opinião. Ha quasi um ano que lá está...

Primo de Rivera, que se preparava para ser entrevistado e escrever apontamentos, ao mesmo tempo, esqueceu-se do papel e do lapis e respondeu-nos:

—Vinhamos dispostos, realmente, a governar três meses. Ao fim desses três meses a nação exigiu-nos que continuassemos a nossa obra... Eis a razão porque ainda nos encontramos no Poder.

—Ha ainda uma grande obra a realizar?

—Está quasi tudo por fazer. E' uma ressurreição completa. O Directorio tem que se preocupar com os mais insignificantes pormenores burocraticos, com as medidas mais pueris... Estava tudo mal feito, tudo errado... Ha que montar, de novo, o edificio legal, peça por peça... Somos forçados a descer a minucias tecnicas que nos roubam o tempo e tornam morosa a nossa obra. Assim, por exemplo, a lei da caça e da pesca que, em Portugal, é modelar, em Espanha era um aborto... Foi preciso fazê-la de novo como todas as outras leis. A nossa obra é uma obra de ressurgimento, uma obra de restauração...

O espirito democrata do ditador

—O Directorio tenciona demorar-se muito tempo no Poder?

—O tempo que fôr necessario para fazer uma Espanha nova...

—Para V. Ex.ª a ditadura é uma situação transitoria ou um sistema politico?

—As ditaduras são sempre transitorias. Eu desafio qualquer politico espanhol a ser mais democrata do que eu sou. Todas as leis do Directorio são leis inspiradas pelo meu grande amor á democracia e á liberdade... A ditadura é uma necessidade dolorosa que não me agrada mas que se impõe...

—O caso Unamuno teve uma certa repercussão em Portugal. Houve quem visse no desterro de Unamuno uma perseguição aos intelectuais espanhois...

—Eu tenho feito pelos intelectuais espanhois o que nenhum governo fez. O caso de Unamuno é um caso sem importancia. Ha individuos irritaveis e irritantes que é preciso pôr no seu lugar...

—A questão de Marrocos está resolvida?

—Ainda não... Estuda-se, neste momento, a melhor forma de a resolver, de fazer, pelo menos, estacionar a campanha...

—A ditadura espanhola tem afinidades com a ditadura italiana?

—As afinidades de dois países que se encontravam na mesma situação anormal, que precisavam de resolver, a todo o custo, o problema da ordem e da disciplina...

—Mas os «somatenes» têm grandes pontos de contacto com os fascistas...

—Os «somatenes» são muito mais antigos... Têm uma tradição que os «fascistas» não possuem...

Primo de Rivera, que afirma a sua inteligencia e a sua argucia em todas as frases e em todos os gestos, tem uma personalidade delicada, cavalheiresca. Nenhuma das nossas preguntas ficou em branco. Essa lotaria feliz habilitou-nos a fazer uma pregunta melindrosa:

A Espanha e Portugal

—O Directorio Militar é partidario de uma politica latina?

Tinhamos feito a mesma pregunta a Mussolini. O ditador italiano respondeu-nos com reservas. Primo de Rivera foi mais franco:

—A Espanha tem que seguir uma politica sentimental, uma politica de coração, com as republicas sul-americanas e com Portugal... Toda a nossa outra politica internacional será uma politica de interesses que, muitas vezes, poderá ser, simultaneamente, uma politica de amizade...

—E' então partidario duma politica amigavel com Portugal?

—Sou partidario duma politica fraternal. E' bom, porém, esclarecer este ponto. Eu sou um grande amigo de Portugal mas um inimigo, muito sincero, do iberismo. Irmãos, sim, mas irmãos vivendo em casas diferentes... Nem desejo saber como Portugal se governa. A Espanha não tem que se meter onde não é chamada...

—O sr. presidente conhece Portugal?

—Não conheço, mas tenciono visitá-lo muito em breve, talvez ainda este ano...

—Portugal segue, com muito interesse, a politica do Directorio. Sentir-se-á muito honrado com a visita do seu presidente...

A entrevista entrou na agonia. A fase dos cumprimentos é o canto do cisne das entrevistas...

Os retratos de Primo de Rivera

No momento da despedida lembrámo-nos de que tinhamos perdido um dia á procura dum retrato de Primo de Rivera. Uma entrevista sem retrato é uma entrevista que não está reconhecida, uma entrevista sem cartão de identidade, uma entrevista onde o entrevistado não está presente...

Balbuciámos o nosso desejo, o desejo duma fotografia para o «Diario de Noticias». Primo de Rivera realizou imediatamente esse desejo e realizou tambem um desejo que não lhe dissémos, o desejo de outra fotografia para nós. Na fotografia para o «Diario de Noticias», Primo de Rivera escreveu a seguinte dedicatoria: «Al «Diario de Noticias» con un afectuoso saludo a los ciudadanos portugueses, nuestros vecinos y hermanos.—17-6-924.—Marquês de Estella». Na outra fotografia quis tambem escrever algumas palavras amaveis.

A' saída, no ultimo aperto de mão, Primo de Rivera disse-nos ainda:

—Eu desejo que o «Diario de Noticias» transmita a Portugal as minhas saudações e as minhas homenagens. Eu tenho uma grande estima pela nobre nação lusitana. Essa estima não ha-de ficar em palavras. Hei-de prová-la procurando estreitar os laços de amizade existentes entre as duas nações...

Saímos do ministerio da Guerra. O fotografo de «El Sol» tinha-nos dito que era quasi impossivel encontrar um retrato de Primo de Rivera numa fotografia de Madrid. Desembrulhámos, com curiosidade, os retratos do ditador, e procurámos lêr o nome da casa onde eles tinham sido tirados... Lêmos, com certo espanto: «Oficinas do Deposito da Guerra». Compreendemos então o motivo por que não se encontram á venda os retratos de Primo de Rivera. Os retratos de Primo de Rivera pertencem ao material de guerra... Não ha maior caluniador do que um fotografo. Para não ser caluniado, Primo de Rivera instituiu, ao lado da nota oficiosa, o retrato oficioso... O retrato de Primo de Rivera que o «Diario de Noticias» publica hoje é, pois, um retrato infalivel, um decreto do «Directorio Militar»...

Madrid, 17-6-924.

ANTONIO FERRO.

totoloto SORTEIO: 051/2024
CHAVE: 17-19-32-33-41 + 5
NÃO DISPENSA A CONSULTA DOS RESULTADOS OFICIAIS

FC Porto ganha na Luz e é campeão de hóquei

O FC Porto sagrou-se campeão nacional de hóquei em patins, ao vencer novamente o Benfica, por 3-1, no quarto jogo da final dos *play-offs*, disputado no pavilhão do Estádio da Luz, em Lisboa. Depois de duas vitórias em casa, intercaladas com uma derrota fora, os portistas consumaram a conquista no reduto do rival e conquistaram, assim, o seu 25.º título de campeão, isolando-se como recordista de troféus, com mais um do que o Benfica, vencedor da edição anterior. O treinador encarnado, Nuno Resende, anunciou no final a sua saída.

GERARDO SANTOS / GLOBAL IMAGENS

Escolas. Governo prolonga renovação de matrículas

EDUCAÇÃO Inscrições terminavam na próxima sexta-feira, mas o portal tem sofrido vários constrangimentos. Prazo termina agora a 5 de julho.

O Governo decidiu prolongar até 5 de julho o prazo para a renovação de matrículas do 6.º ao 9.º ano e do 11.º ano de escolaridade devido aos constrangimentos no Portal das Matrículas.

O anúncio foi feito em comunicado pelo Ministério da Educação, Ciência e Inovação, depois de na segunda-feira ter reconhecido que a plataforma estava com constrangimentos devido ao "elevado número de acessos" desde sábado, quando abriram as inscrições do 6.º ao 9.º ano e do 11.º ano para o ano letivo 2024/2025.

Segundo o comunicado, "os técnicos do Instituto de Gestão Financeira da Educação, que gere o Portal das Matrículas, estão a trabalhar com as duas empresas responsáveis pela plataforma para solucionar os problemas e constrangimentos detetados com a maior brevidade possível".

A renovação das matrículas em causa começou no sábado passado e deveria terminar na próxima sexta-feira.

Contudo, "a plataforma não tem conseguido dar resposta, quando nesta fase são esperados mais de 100 mil registos", refere o ministério, assinalando que às 17:30 de hoje [ontem] "estavam efetuadas apenas 19.920 renovações de matrículas".

A tutela acrescenta que já tinham sido "detetados problemas com a plataforma" entre 15 de abril e 15 de maio últimos, quando decorria o prazo para as matrículas do pré-escolar e do 1.º ano do ensino básico, muito embora tenham sido registadas mais de 150 mil matrículas.

Segundo o ministério, a nova plataforma foi desenvolvida muito próximo do início dos prazos das matrículas para o próximo ano letivo, uma vez que as duas empresas às quais foi adjudicado o serviço, em fevereiro, pelo anterior Governo, só iniciaram os trabalhos em março.

O comunicado esclarece que a renovação da matrícula para o 7.º ano (mudança de ciclo) é obrigatória, enquanto para os 6.º, 8.º, 9.º e 11.º anos deve ser feita quando há mudança de escola, escolha de disciplinas, alteração de curso ou formação e de encarregado de educação. **DN/LUSA**

BREVES

Militares tentam golpe de Estado na Bolívia

Máxima tensão política na Bolívia. À hora de fecho desta edição, um grupo de soldados tentava forçar a entrada no Palácio Quemado, sede do Governo em La Paz, com o presidente, Luis Arce, a apelar à população para "mobilizar-se contra o golpe de Estado". "Não podemos permitir que as tentativas de golpe voltem", disse Arce, desde a Casa Grande del Pueblo, um edifício adjacente ao Palácio Quemado. Por trás do motim, segundo escrevia o *El País*, estava o chefe do Exército, Juan José Zúñiga, demitido na terça-feira após alertar que não permitiria um novo governo do ex-presidente Evo Morales. "Uma elite tomou conta do país, vândalos que destruíram o país", disse Zúñiga na Plaza Murillo, em frente ao Palácio do Governo. "As Forças Armadas pretendem restaurar uma democracia que seja uma verdadeira democracia, não de donos que já estão no poder há 30 e 40 anos. Vamos libertar todos os presos políticos", anunciou.

Vereadora do PS em Lisboa constituída arguida

A vereadora socialista na Câmara de Lisboa Inês Drummond foi constituída arguida no caso *Tutti Frutti*, que investiga alegados favorecimentos a militantes de PS e PSD, confirmou a própria, afirmando que não é suspeita do recebimento de qualquer vantagem. "Fui constituída arguida e disponibilizei-me de imediato para prestar declarações, o que fiz entretanto", indicou a vereadora. A socialista adiantou à Lusa que o Ministério Público (MP) estabeleceu "imputações com base num pressuposto que configura um erro: uma pretensa amizade com outro suspeito, numa relação totalmente fantasiosa". "Essa amizade é falsa", reforçou a militante do PS, sem indicar quem é a suposta amizade alegadamente referida pelo MP, adiantando apenas que é do PSD e que a desconhecia "até esta semana".

Maior investimento de sempre da EY em Portugal

Foram cerca de 10 milhões de euros investidos no novo "escritório do futuro" da EY Portugal no edifício Alcântara Lisbon Offices (ALLO), apurou o DN/DV. Este é o maior investimento de sempre da EY no nosso país, resultando na mudança de dois mil colaboradores para um espaço de 8500 metros quadrados, distribuídos por quatro pisos, aliando valores de sustentabilidade, tecnologia, inovação e *work life balance*. "A EY tem vindo a crescer consistentemente e esta mudança representa um passo estratégico que reflete o nosso compromisso contínuo com a inovação, a sustentabilidade e a melhoria do ambiente de trabalho para os nossos colaboradores", explica em comunicado Miguel Farinha, country managing partner da EY Portugal, Angola e Moçambique.

Conselho de Administração - Marco Belo Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Manuel Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, José Pedro Soeiro e Mafalda Campos Forte **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt

5 605290 023002
56679